

Panorama Cultural



REVISTA DIGITAL INTERNACIONAL

Oficina do Livro



Le Jubilé D'Argent à Paris

Jubileu de Prata em Paris

Compre aqui



Coordenação: Silvia Bruno Securato

ISBN: 978-65-89449-96-6

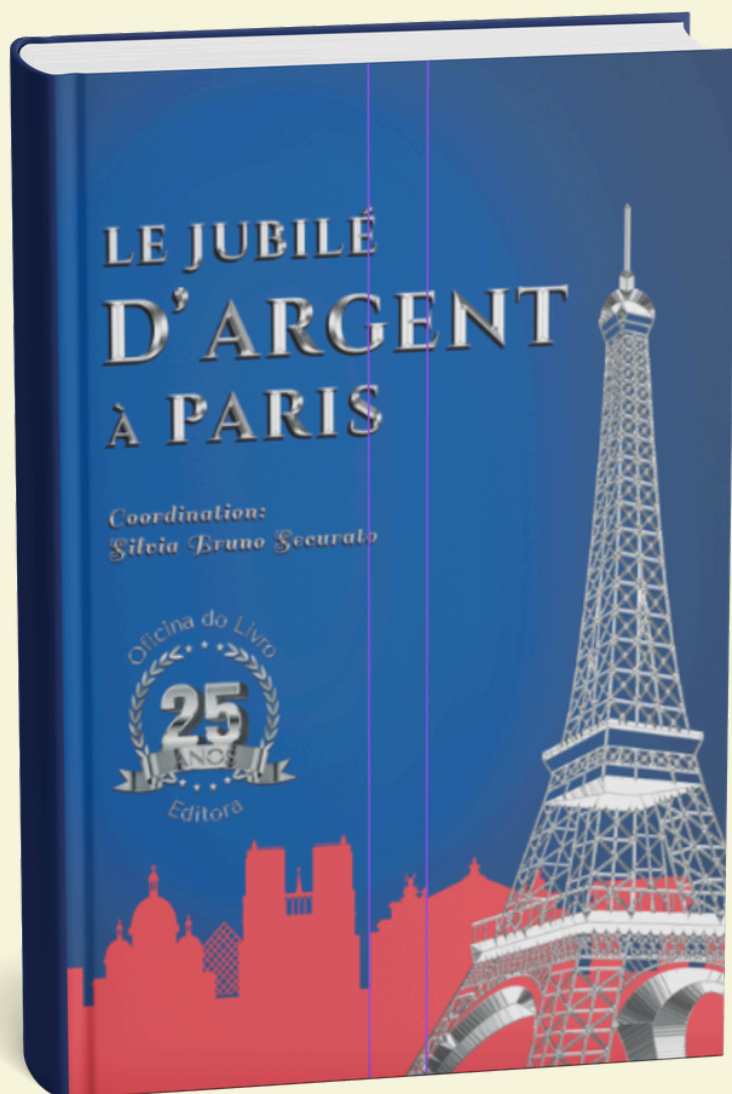
Ano Edição: 2025

Editora: Oficina do Livro

Número de páginas: 384

Formato: 16×23cm

Peso: 586 g



Sinopse: O Jubileu de Prata em Paris é uma obra literária que coroa com orgulho e celebra solenemente os 25 anos da Oficina do Livro Editora, dirigida por Silvia Bruno Securato, cujo trabalho editorial exerce um profundo compromisso com a arte e a cultura brasileira, no Brasil e exterior, através de escritores que com seus talentos contribuem com essa trajetória de excelência e sucesso.

SÃO PAULO – SP
Vol. 1, n.º1, 2026

Fundadora e editora-chefe
Silvia Bruno Securato

Editorial
Ivete Ferreira
Wilma Ruggeri

Projeto gráfico, diagramação e revisão
Jo Melo

Convidados

1. Astrid Kampf Beutler
2. Andrea Securato
3. Alceu Antônio Forlin
4. Carmen Fischer
5. Clara Chuen Kai Ohtsuki
6. Claudia Vecchi-Annuciato
7. Clivia Martins de Oliveira Cainelli
8. Ive Camanducci
9. José Roberto Securato Junior
10. José Cláudio Securato
11. Lídia Maria Cabral de Miranda
12. Magda S.C. Pearson
13. Marcia Sant Anna Cabral
14. Maria Nazareth Doria
15. Mauro Ramos
16. Silvia Bruno Securato
17. Sonia Miquelin
18. Stefania Contessa Panico
19. Suely Tonarque
20. Tábata Dias Fagundes Vieira
21. Vera Melo
22. Wilson Alcântara

Fale conosco
contato@oficinadolivroeditora.com.br

Acesse o site
<https://oficinadolivroeditora.com.br/>



/oficinadolivro

Carta aos leitores

Prezados leitores,

Com grande satisfação e alegria, a Oficina do Livro celebra neste momento o Jubileu de Prata de sua história e em homenagem a essa conquista, apresenta a edição especial comemorativa da nossa revista.

Ao longo das páginas, reunimos uma seleção de matérias de interesse geral, pensadas para oferecer uma leitura agradável, educativa e enriquecedora. Nosso objetivo é promover o diálogo cultural, explorando temas relevantes na literatura, na história, nas artes e na atualidade.

O time de colunistas, que contribuem com suas matérias, é formado por renomados autores do Grupo de Escritores da Editora, cuja contribuição torna o conteúdo da revista, ainda mais rico, dinâmico e interativo.

Convidamos você, caro(a) leitor(a), a participar também dessa trajetória. Se desejar colaborar com sugestões e artigos, entre em contato conosco, pois sua opinião é fundamental para o engrandecimento de futuros conteúdos e aperfeiçoamento contínuo do nosso trabalho.

Incentivamos você a compartilhar as matérias que mais lhe interessaram e a acompanhar nossas redes sociais: @oficinadolivroeditora.

Agradecemos profundamente sua leitura, confiança e interesse. Desejamos que essa edição seja uma celebração da nossa paixão comum pela literatura, cultura e artes.



Silvia Securato 

Colunistas



Astrid Kampf Beutler

Professora formada em Matemática, membro ativo da Ajeb-SP e da Rede Sem Fronteiras.

astridinha@hotmail.com

[@astridinhakb](#)

Facebook: Astrid Kampf Beutler FB



Andrea Securato

Terapeuta Holística, consteladora familiar.

[@andreasecurato](#)



Alceu Antônio Forlin

Engenheiro mecânico, industrialista, pecuarista, empresário e sócio fundador da Isoeste



Carmen Fischer

Formada em História (PUC-SP). Professora do Ensino fundamental 2, Ensino Médio e pré vestibular/ ENEM.

lufischer197@gmail.com

[@carmenluciafischer](#)

Facebook: carmenluciafischerferraz



Clara Chuen Kai Ohtsuki

Engenheira Civil e Gestora de Projetos Sociais

claraohtsuki@gmail.com

[@cidapoficial](#)

www.cidap.org.br



Claudia Vecchi-Annuciato

Escritora e Educadora

cv.annunciato@gmail.com

[linkedin.com/in/claudia-vecchi-annunciato-794733247](https://www.linkedin.com/in/claudia-vecchi-annunciato-794733247)

claudiavecchi-annunciato.com.br

Colunistas



**Clivia Martins de
Oliveira Cainelli**

Mestre em Educação,
Pesquisadora e Escritora

professoraclivia@gmail.com
@professora_clivia



Ive Camanducci

Psicóloga. Terapia
Cognitivo-Comportamental
e Sistêmica

Instagram e TikTok
@Ive Camanducci
iveducci@gmail.com



José Claudio Securato

Fundador da Saint Paul Escola de
Negócios e CEO da Exame
Educação.

@jcsecurato
@saintpaulscolanegocios



**José Roberto Securato
Junior**

Banker, Professor, Mentor

@investmentbankingbr
<https://www.linkedin.com/in/joseseurato/>



**Lídia Maria Cabral de
Miranda**

Artista plástica, professora,
poeta e escritora

Facebook: Lídia Cabral
@lidia.cabral.376



Dra Magda Pearson

PHD em Psicologia Clínica.
presidente do Instituto de
Estresse Pós-traumático.
Diretora científica da Sociedade
Brasileira de Hipnose.

magdapearson@terra.com.br
LinkedIn: Magda Pearson
@magdapearson

Colunistas



**Marcia Sant Anna
Cabral**

Especialista em Comunicação
e Marketing

marciacabralsantanna@gmail.com
@marcia_csantanna
www.janelasparaomundo.com.br
LinkedIn: marcia.cabral.794
Facebook: Marcia Cabral



**Maria Nazareth
Doria**

Comendadora, jornalista e
escritora

nazadoria@uol.com.br
@maria_nazareth_doria



**Maria Alice
Ferreira da Rosa**

Escritora e bloqueira

alicealinhavandolettras.com
@ferreira_mariaar



Mauro Ramos

Empresário, escritor e
compositor.

ramos.mauro@hotmail.com
@mauro.ramos.autor
gallerymauroramos.com.br



Silvia Securato

Escritora, editora e presidente
fundadora da Oficina do Livro
Editora.

@silvia.securato
@oficinadolivroeditora



Sonia Miquelin

Escritora, editora, mentora
e curadora de projetos
internacionais.

@a.c.i.ma.italia
@marianabrasilll
miquelinsonia@yahoo.it

Colunistas



**Stefania Contessa
Panico**

Pedagoga especializada no ensino de deficientes de áudio-comunicação.



Suely Tonarque

Psicóloga, gerontóloga e especialista em moda no envelhecer.

@su_dudabyduda



Tábata Dias F. Vieira

Advogada e Ghost Writer

tabatafagundes@gmail.com
@tabatadf



Vera Melo

Historiadora e Escritora

Vmelo0542@gmail.com
@vera_meloescritora



Wilson Alcântara

Economista de formação,
auditor e educador financeiro

wilsonba@terra.com.br
@wilsonalcantara_oficial

Sumário



Abertura

04

CARTA AOS LEITORES
Sílvia Bruno Securato

11

HOMENAGEM: HEBE C. BOA-VIAGEM A. COSTA
G. B. V. Sandoval

12

TRAJETÓRIA DA OFICINA DO LIVRO : OS CINCO
PRIMEIROS ANOS

Ação social

17

CLUBES DE LEITURA PARA 60+
Marcia Sant Anna Cabral

19

DE MOTOBOY A CIDADÃO DO MUNDO
Clara Chuen Kai Ohtsuki

Artes

22

SAUDADE: A TELA QUE EMOCIONA
Stefania Contessa Panico

23

ANTONI GAUDÍ: COMEÇA O CAMINHO ATÉ A
SANTIDADE
Sílvia Bruno Securato

26

METAMORFOSE
Lídia Maria Cabral de Miranda

Atualidades

29

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: MEDO,
ENCANTAMENTO E REALIDADE
José Claudio Securato

30

O QUE É O MOVIMENTO WOKE?
Carmen Fischer

32

SER MÃE: O QUE ISSO SIGNIFICA, AFINAL?
Andrea Securato

Comportamento

34

50 ANOS!
José Roberto Securato Junior

Cultura

35

A PALAVRA COMO TRAVESSIA: A.C.I.MA. ITÁLIA
Sonia Miquelin

37

ESPORTE TAMBÉM É CULTURA
Wilson Alcântara

39

O RETORNO À BELEZA
Vera Melo

Sumário



Literatura

40

A MINHA RELAÇÃO COM A LITERATURA
Mauro Ramos

41

A VIDA PULSA NA POESIA DE MARCO LUCCHESI
Clivia Martins de Oliveira Cainelli

43

A PERSONAGEM ESQUECIDA: A
MULHER QUE ESCRIVE
Tábata Dias Fagundes Vieira

44

GRÃO / ALI
Claudia Vecchi-Annuciato

45

COP 30 - CONFERÊNCIA DAS PARTES E ESTA
ÁRVORE
Astrid Kampf Beutler

46

FALTA DE ASSUNTO
Maria Alice Ferreira da Rosa

Negócios

47

EMPREENDEDORISMO
Alceu Antônio Fortlin

Saúde e bem-estar

50

A VIDA É MOVIMENTO
Maria Nazareth Doria

51

QUANDO O AMOR MACHUCA: O
SILÊNCIO DOS RELACIONAMENTOS
ABUSIVOS
Ive Camanducci

53

INVEJA E CIÚMES
Dra Magda Pearson

55

QUAL É A REDE QUE QUEREMOS?
Suely Tonarque

56

OFICINA DO LIVRO EDITORA CELEBRA
JUBILEU DE PRATA EM NOITE DE GALA
EM PARIS

62

AGENDA CULTURAL
EVENTOS DE LITERATURA NACIONAL E
INTERNACIONAL

67

PRÊMIOS LITERÁRIOS 2026

Homenagem



Hebe C. Boa-Viagem A. Costa
Advogada, Educadora, Escritora e Pintora.

Resumir em poucas linhas a trajetória desta mulher especial, que irradiava empatia, distribuía generosidade e excedia talento é tarefa intrincada.

Uma mulher corajosa, competente e generosa que trilhou com altivez e sapiência o caminho árduo da vida, superando os obstáculos.

Para falar de minha adorável tia, teria que reunir a grandeza de Dostoïevski, a sutileza de Machado de Assis e a multiplicidade de Fernando Pessoa.

Ela era professora, pintora e escritora, exímia em todas as atividades, temperando tudo com paciência e meiguice.

Tive o privilégio, desde a infância, de usufruir dos ensinamentos de minha querida tia, do seu convívio prazeroso, sempre carinhosa e sábia.

Desde 2007, nossa parceria se estreitou. E agora, sua partida criou uma lacuna dolorosa.

Ficam na minha memória, a lucidez, a herança de sua obra e a coragem da luta em prol das mulheres. Insostituível na defesa dos direitos das mulheres, ser humano admirável e para sempre inesquecível.



Última participação literária da Hebe na Oficina do Livro

Trajетória da Oficina do Livro

Os primeiros 5 anos

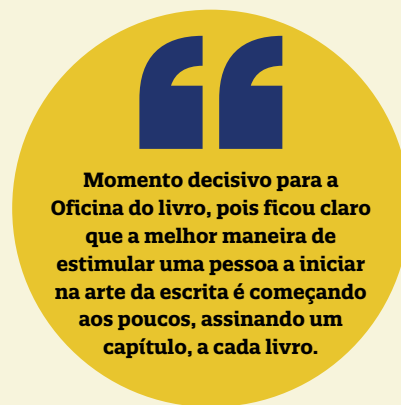
A Oficina do Livro começou assim...

Eu, Silvia, publiquei o livro *“O Poder de Deus – a transformação de sua vida”*, pela Saint Paul, Editora dirigida por um dos meus filhos, no ano 2000. Este livro foi o resultado de anos de estudo e vivência na fé católica.

A alegria, ao ter o livro em mãos foi tão grande, que decidi fundar uma editora, tendo como segmento livros religiosos. Meu desejo era incentivar as pessoas a publicarem seus escritos e experimentarem o mesmo sentimento de realização que eu havia tido. Eu estava cursando mestrado em Ciências da Religião, na PUC – SP e a previsão para eu defender minha tese era abril de 2002, então seria oportuno terminar o curso e, na sequência, me dedicar a esse projeto, porém o destino me fez tomar outro rumo.

Alguns meses antes da apresentação de minha tese, a madre Maria José, fundadora da Ordem das Carmelitas Mensageiras do Espírito Santo, estava precisando muito arrecadar fundos para o desenvolvimento de suas obras. Foi então que propus a ela que transcrevesse suas palestras, gravadas em fitas cassete, em livros. Eram aproximadamente 700 temas. Ela relutou muito, porque não tinha tempo para isso, até que, depois de muita conversa, eu a convenci a publicar uma delas, me comprometendo a transcrevê-las e publicá-las. Levei para casa 5 temas diferentes, as coloquei numa estante e pensei: *“Deus há de me inspirar por qual tema devo começar”*.

Alguns deles continham 4 ou 5 fitas de gravação, somente uma delas estava com apenas 1 fita. Passados alguns dias, não tive dúvidas, era a menorzinha, justamente a que EU NÃO ESCOLHERIA, mas fui em frente. O título era: *“Aprendendo a rezar com Santa Teresa”*.



Estávamos em agosto de 2001, e em poucos dias realizei todos os tramites para a abertura da empresa Oficina do Livro Editora Ltda. Foi uma correria incrível. Transformei a linguagem falada em linguagem escrita e após a aprovação da Madre, mandei diagramar e, na sequência, o arquivo foi para a gráfica.

No dia 14 de outubro, os livros foram entregues e eu irradiando felicidade pela conclusão do projeto, comuniquei as Irmãs Carmelitas que eles estavam prontos. Quanta alegria... o lançamento foi no dia seguinte, após a missa em honra à Santa Teresa d'Ávila, celebrada por Dom Fernando Antonio, nosso bispo, na época. E qual não foi minha surpresa ao saber que, dia 15 de outubro era dia oficial de Santa Teresa. Como diz o Pe. Antônio Maria: foi deusdência!

Foi feita uma tiragem de 500 exemplares que terminaram em 15 dias, e então, fizemos a segunda e após três meses a terceira edição dessa obra.



Silvia apresenta o livro da Irmã Maria José

A Madre ficou tão feliz com o resultado, que deu andamento na coleção, publicando no mesmo ano de 2001: “Quaresma e Páscoa – vol. 2” e “Pentecostes – vol. 3”. Em 2002, foi a vez de “Maria – vol. 4” e “Natal – vol. 1”.



Fiquei animada para continuar escrevendo meus livros pois tinha alguns em mente. Sempre fui rezadeira, mas como não gosto de repetições, inventava diversas maneiras de rezar o terço. Iniciei a coleção: “Para encontrar a Paz”, uma seleção de livretos contendo diversos tipos de reza do terço, direcionados a vários temas do nosso dia a dia: problemas de relacionamentos, questões financeiras, emocionais, escolha de profissão, saúde, entre outros.





Outros autores foram surgindo, com temas interessantes, fora do foco “religioso”. Lembra que o destino me fez tomar outro rumo??? Dos primeiros livros solos publicados no ano de 2002, temos como exemplo: “Na dor há vida!” de José Luiz Valdetaro Gomes, vindo de Vila Velha - Espírito Santo por indicação de uma amiga, e, “Me Adorolescente” de Paula Furtado.

Em abril do ano seguinte, numa tarde atípica, monótona e chuvosa, tocou o telefone. Era Deborah Loprete, uma amiga da Paróquia que eu frequentava, solicitando que eu fizesse uma pregação num retiro de final de semana, para mulheres de todas as Paróquias da Diocese de Santo Amaro. Aceitei o convite de imediato, e disse que levaria outras palestrantes, pois enriqueceria o encontro. Por fazer parte do Grupo de Professores Diocesanos que ensinavam a “palestrar”, possuía o contato de todas elas.

No instante em que coloquei o ‘fone no gancho’ (usávamos telefone fixo naquela época), tive a visão de um grande livro escrito por várias mulheres. Opa! Gostei da ideia! - disse comigo mesma. Lá se foi embora a monotonia. Comecei a telefonar para as palestrantes, convidando para a palestra e para minha surpresa, a maioria não estaria disponível por razões diversas. Como o retiro seria somente em agosto, decidi idealizar a coletânea, pois enfim havia encontrado a melhor maneira de incentivar, de fato, as pessoas a escreverem, ou seja, reunindo um grupo de coautoras para uma publicação onde cada uma assinaria um capítulo.

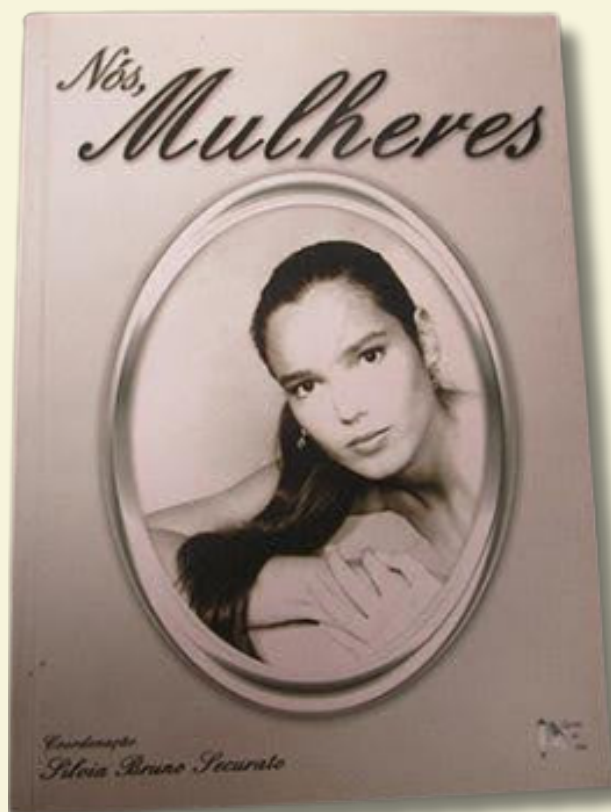
Reuni mulheres das mais variadas profissões, idades e estado civil. Cada uma deveria se inspirar em uma personagem bíblica e escrever sua história. Estávamos vivendo momentos difíceis com muitas novidades surgindo e, nós, as mulheres, estávamos passando por muitas transformações na vida pessoal e familiar, social e no mercado de trabalho. O ponto mais importante naquela época era a educação dos filhos, pois seria preciso unir as tradições familiares com os novos comportamentos emergentes.

Um detalhe importante: o tal seminário, previsto para o mês de agosto foi cancelado... acredito que serviu apenas como mensagem para que eu focasse o segmento da Editora em antologias.

Assim nasceu a primeira antologia “Nós, Mulheres”, que reuniu 33 coautoras, publicada em 27 de novembro de 2002, dia de Nossa Senhora das Graças. O livro prova, ‘boneco’ como chamamos, foi abençoado pelo Pe. Antônio Maria, durante uma missa celebrada na casa de Teresa Salles, esposa do publicitário Mauro Salles.

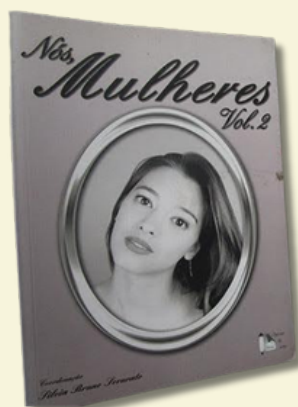


Padre Antônio Maria abençoando o livro



O lançamento deste livro foi na Casa da Fazenda do Morumbi - sede da ABACH - Academia Brasileira de Artes, Cultura e História - um lugar muito elegante e aconchegante. As autoras ficaram encantadas! Foi uma noite inesquecível para todas nós!

Em três meses os livros se esgotaram! Desta maneira decidi dar continuidade ao projeto, organizando o segundo volume em 2003 e a partir do terceiro volume em 2004, especifiquei melhor o título para: “Nós, Mulheres – Desafios e Conquistas de novos Tempos”.



Este foi o momento decisivo para a Oficina do livro, pois ficou claro que a melhor maneira de estimular uma pessoa a iniciar na arte da escrita é começando aos poucos, assinando um capítulo, a cada livro.

A cada ano foi publicado um novo volume do mesmo título, o que tornou esta coleção o best seller da Oficina do Livro, com eventos em locais de grande prestígio e reportagens que ficaram registradas na Revista CARAS.

Como forma de identificar as coautoras de suas convidadas nestes eventos, pois todas estavam sempre muito elegantes, criei a caneta em forma de flor para a ocasião dos autógrafos.

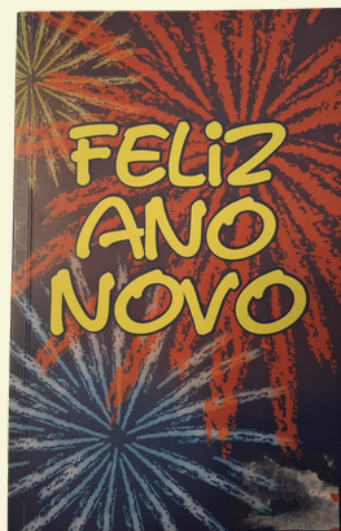


Naturalmente neste início, houve uma mescla entre livros religiosos e outros segmentos.

Neste período, iniciei também uma nova coleção de livros de bolso, reunindo um grupo de coautores, sendo o primeiro deles intitulado: “Feliz Ano Novo”, publicado em dezembro de 2005, encerrando, com ele, os primeiros cinco anos de atividades da Oficina do livro editora.

A partir daí, muitas novidades surgiram, novas ideias foram colocadas em prática, do Brasil nosso trabalho seguiu para o exterior, mas isso é matéria para a próxima edição.

Fique atento para não perder a continuidade desta jornada.



Aguardem o desenrolar da nossa história.

Clubes de leitura para 60+

Janelas para novos mundos e novas experiências



**Marcia Sant Anna
Cabral**

*Especialista em
comunicação e
marketing*

Os clubes de leitura voltados para pessoas com mais de 60 anos têm se revelado verdadeiros espaços de transformação. Muito além dos livros, esses encontros promovem conexões humanas profundas, troca de saberes, estimulam novos vínculos sociais, minimizam a solidão e até despertam interesses e vocações inesperadas.

No projeto Janelas para o Mundo, idealizado há cinco anos, durante a pandemia de Covid-19, para os participantes do Grupo Trabalho 60 Mais, esses benefícios tornaram-se realidade. Os participantes redescobrem novos interesses, criam vínculos e amizades sólidas e, em alguns casos, encontram novos caminhos profissionais.

Aprenderam e ainda aprendem a utilizar novas tecnologias para frequentar as reuniões semanais virtuais, realizadas nas plataformas Zoom ou Google Meet, e para acessar a biblioteca digital Árvore de Livros.

Desde sua criação, o projeto funciona como uma prática de letramento literário para o público com mais de 60 anos, muitas vezes afastado da literatura, e já realizou mais de 400 sessões literárias. Nessas sessões, foram explorados contos, crônicas, poesias e romances de autores clássicos e contemporâneos, nacionais e internacionais, desde nomes consagrados até escritores em busca de reconhecimento e da própria voz. A diversidade de estilos e narrativas amplia horizontes e convida os participantes a mergulharem em mundos plurais. Como afirmava o sociólogo e crítico literário Antonio Candido, “a literatura é um direito universal do homem”, pois humaniza, desperta e transforma. Em sua obra *O direito à literatura*, ele defende que a literatura é essencial para o exercício da cidadania e da liberdade, enfatizando que garantir esse direito é um ato de justiça social, e não apenas uma questão estética ou cultural.



Ler juntos é, acima de tudo, ampliar as relações e a visão de mundo, com mais sentido, afeto e propósito, pois essa prática incorpora à formação do leitor o prazer da leitura e a construção compartilhada da interpretação.

As conversas literárias que surgem nesses encontros coletivos despertam os leitores, abrem o “terceiro olho”, aguçam os sentidos e estimulam o senso crítico, ampliando o conhecimento e o caminho para a libertação individual, como aponta Luciana Gerbovic na obra *Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções*.

Os clubes de leitura são também espaços de escuta, compartilhamento, trocas e incentivo ao desenvolvimento humano. Ao reunir pessoas em torno da literatura, criam-se ambientes propícios à formação de leitores mais críticos, com visões de mundo ampliadas e mais sensíveis às complexidades da vida. Os participantes tornam-se, muitas vezes, mais empáticos, criativos, abertos ao diálogo, à interação e à socialização do conhecimento, além de se sentirem encorajados a compartilhar suas próprias experiências e histórias de vida.



Ao longo desses anos, aprendemos que colocar a literatura como fio condutor de uma conversa em círculo é uma prática profundamente transformadora. Essa dinâmica potencializa a capacidade de escuta, desenvolve a empatia, aprofunda a sensação de pertencimento e inspira reflexões sobre nossas certezas, comportamentos e afetos. O diálogo é fundamental nesse contexto, pois é a chave que abre e conduz diferentes vozes, pensamentos e visões de mundo.

Como dizia Paulo Freire, “o diálogo é uma exigência existencial”, pois solidariza o refletir e o agir, e não acontece se não há, em seus sujeitos, um pensar verdadeiro.

Assim, um clube de leitura torna-se verdadeiramente significativo quando diferentes percepções e reflexões são colocadas e escutadas.

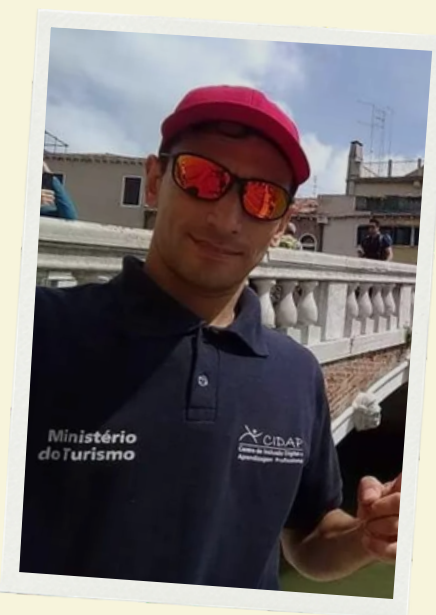
Esse processo provoca novos comentários e questionamentos, justamente aquilo que Freire denomina de “pensar crítico” ou “pensar verdadeiro”. Nesse sentido, não são necessárias conclusões definitivas. Pelo contrário, quanto mais aberto for o desfecho de um encontro, mais rica se torna a experiência. A pluralidade de palavras e silêncios é o que confere sentido ao encontro literário.

Por fim, ressalto que os clubes ou círculos de leitura, independentemente de conceitos ou teorias, são espaços de compartilhamento organizados para que o diálogo em torno de uma obra seja também um lugar de reconhecimento coletivo. São ambientes onde os leitores se percebem como parte de uma comunidade, sentem-se acolhidos, compartilham experiências e se apoiam na busca por novos conhecimentos e por uma visão de mundo mais consciente. No caso do projeto Janelas para o Mundo, o clube de leitura teve tanto êxito que inspirou a criação das Janelas para o Cinema, responsáveis por mais de 200 sessões de debates de filmes com temáticas e procedências diversas, e das Janelas Expressivas, oficinas de escrita criativa que preparam participantes interessados em escrever memórias, narrativas familiares, biografias, poesias ou prosas de diferentes gêneros.

“De motoboy a cidadão do mundo”



Clara Chuen Kai Ohtsuki
Engenheira Civil e Gestora de Projetos Sociais



Arquivo pessoal

Renato tinha 28 anos e um sonho: conhecer o mundo. Morava em uma comunidade simples, na periferia do Capão Redondo, zona sul da cidade de São Paulo. A região é conhecida pelos altos índices de criminalidade e tráfico de drogas. Trabalhava como motoboy para ajudar em casa e não tinha condições de pagar uma faculdade. Ainda assim, mantinha vivo o desejo de um futuro promissor, que lhe oferecesse não apenas estabilidade, mas também a oportunidade de viajar e aprender sobre outras culturas. Um dia, tudo mudou. Uma amiga contou-lhe sobre um curso profissionalizante de Turismo, oferecido gratuitamente por um projeto social na comunidade onde morava. O projeto recebeu recursos financeiros do Ministério do Turismo e era amparado por uma lei municipal de incentivo à formação de jovens monitores de turismo.

Animado, mas inseguro, Renato se inscreveu. Durante as aulas, mergulhou no estudo básico de inglês e em conhecimentos introdutórios sobre turismo, aprimorou a comunicação e fortaleceu a matemática, habilidades essenciais que, até então, pareciam distantes de sua realidade. Mais do que um certificado, o curso lhe trouxe confiança para enfrentar os desafios de uma nova profissão. Ao concluir a formação, surgiu uma vaga para trabalhar como atendente de bar em um navio de cruzeiro. Ele não pensou duas vezes. Embarcou nessa nova etapa da vida, levando na bagagem coragem e gratidão. Nos 15 anos que se seguiram, Renato navegou pelos mares, conheceu 18 países europeus, aprendeu sobre culturas diversas e construiu um currículo sólido na área de hotelaria. Esse percurso só foi possível graças ao domínio da língua inglesa, adquirido no curso de Turismo do projeto social promovido por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), o CIDAP — Centro de Inclusão Digital e Aprendizagem Profissional — em parceria com o Ministério do Turismo, no ano de 2011. Sempre que olhava para trás, lembrava que, sem aquele curso, provavelmente ainda estaria pilotando sua moto pelas ruas da cidade, sem perspectivas de crescimento. Até hoje, Renato sente profunda gratidão pela oportunidade que a vida lhe ofereceu e guarda com carinho as duas camisetas que recebeu durante o curso de Turismo.

Reconhece que o projeto social de qualificação transformou seu destino para sempre. Aquela porta aberta pela oportunidade foi o ponto de partida para uma jornada extraordinária.

Renato é a prova viva de que, quando talento e oportunidade se encontram, a vida pode mudar completamente.

Esta é uma história real de ação social que transforma vidas, proporcionando oportunidades a pessoas talentosas e determinadas, permitindo a conquista de sucesso e da vitória tão sonhada.

Toda ação social é impulsionada pelo compromisso com a responsabilidade social, com o objetivo de construir um desenvolvimento sustentável na sociedade em que vivemos, promovendo qualidade de vida, redução das desigualdades sociais e a oferta de oportunidades às classes menos favorecidas, possibilitando o resgate da dignidade, do bem-estar e da inclusão social.

Você gostaria de conhecer outras histórias em que projetos sociais se tornam força motriz na mudança de rumo da vida de tantas pessoas? Venha fazer parte dessa empreitada. Aguardamos você no próximo encontro para falarmos sobre ação social.

Hoje, aos 42 anos, Renato vive nos Estados Unidos. É casado com uma americana e acaba de ser aprovado para o cargo de Supervisor de Restaurante em um hotel no estado de Vermont, na região nordeste do país, que faz fronteira ao norte com o Canadá.

Depoimento

“Queria falar sobre minha experiência, sobre o curso de Turismo que fiz em 2011, que me projetou para o mundo, trabalhando em navios de cruzeiro e conhecendo 18 países, graças a esse curso. Mesmo com uma idade considerada um pouco avançada, aos 28 anos, consegui uma bolsa de estudos. Até hoje, meus professores são meus amigos: professor Marcelo e professor Júlio. Acredito que posso motivar novos alunos, pois hoje moro nos Estados Unidos e tudo isso só foi possível graças à qualificação profissional no setor de turismo. Sempre que visitava outros países, levava comigo a camiseta do curso. Guardo até hoje as duas que recebi, que eram de uso obrigatório durante as aulas. Tenho muito orgulho de ter participado do curso em 2011.”



Saudade: a tela que emociona



Stefania Contessa Panico

Pedagoga especializada no ensino de deficientes de áudio-comunicação



Tela de José Ferraz de Almeida Júnior
Saudade, 1899, óleo sobre tela, 197 x 101 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo
Doação de Leonor Mendes de Barros, 1982

Trata-se de uma pintura que nos fala, que toca, que emociona. É um óleo sobre tela, de autoria do brasileiro José Ferraz de Almeida Júnior, que nasceu em 1850, em Itu, e morreu em 1899, em Piracicaba. Esta foi uma de suas últimas obras e encontra-se na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

É importante dizer que Almeida Júnior foi um dos representantes do Realismo e dedicou sua pintura ao cotidiano do homem do interior e à vida comum das pessoas: gente no trabalho, amigos conversando, dentro de casa, ou seja, gente vivendo e também sofrendo.

O que nós vemos? Vemos uma figura central: uma jovem mulher vestida de preto, com um xale também preto, junto a uma janela, elemento comum em Almeida Júnior, de onde vem a luz que ilumina a mulher.

O chapéu de palha masculino, pendurado no alto à esquerda, remete a outro personagem que, porém, não está presente na cena.

A mulher está de cabeça baixa, com os cabelos desalinhados, e segura com a mão esquerda uma carta ou talvez uma foto; com a mão direita, leva o xale à boca, como que para abafar um soluço e enxugar uma lágrima que lhe rola pela face.

A carta transmite tristeza, perda e distância. De fato, a tela chama-se Saudade, palavra que vem do latim *solitatem* (solidão) e é uma das mais presentes nas poesias de amor e na música popular.

O quadro transmite elementos psicológicos pessoais. O que ou quem faz chorar a jovem mulher?

A resposta está dentro de cada observador que, ao contemplar a Saudade, é invadido pela forte emoção de algo perdido.

ARTES

Panorama
Cultural



Silvia Bruno Securato
Escritora e editora

Antoni Gaudí

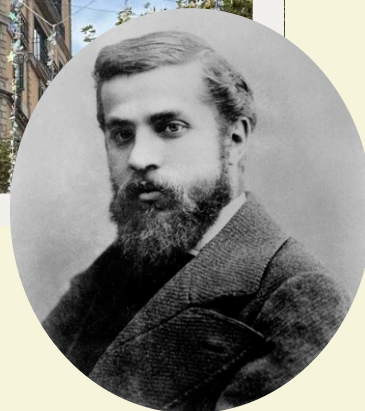
começa o caminho até a santidade



Arquivo pessoal



A Sagrada Família, mundialmente conhecida e reverenciada, é um templo monumental cujo início das obras ocorreu em 1882, com previsão de conclusão em 2026, ano do centenário da morte de Antoni Gaudí.



A construção da Basílica Sagrada Família revela que sua obra não foi apenas uma construção artística. Sua história inspira uma compreensão mais ampla sobre o significado espiritual envolvido na criação de uma das obras mais emblemáticas da arquitetura religiosa. Ela foi cuidadosamente projetada por Antoni Gaudí, que expressa, em cada detalhe da imensa construção, a religiosidade do artista. Ao idealizá-la, Gaudí inspirou-se fortemente na natureza, nas passagens bíblicas, expressando sua profunda espiritualidade e fé, criando uma conexão entre a arte, a espiritualidade e a história sagrada.

A Basílica possui três fachadas: Natividade, Paixão e Glória, com figuras que remetem à vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A fachada, conhecida como Fachada da Natividade, revela detalhes simbólicos meticulosos em cada elemento: os ornamentos representam a natureza, a pureza e a esperança, com figuras que remetem à infância de Jesus, à Virgem Maria e aos anjos.

Na parte interna, o espaço é organizado de maneira a conduzir o fiel numa jornada de contemplação e reflexão bíblica. Na porta principal, está gravada a oração do Pai Nosso em várias línguas. Os arcos e colunas são decorados com simbolismos que remetem às virtudes teológicas e às virtudes cardeais. A ábside é decorada com mosaicos coloridos que representam passagens bíblicas e episódios da vida de Cristo, além de elementos que evocam a esperança e a fé. A luz interior reflete, através de seus vitrais, a sensação de amanhecer e entardecer. Cada detalhe da obra de Gaudí foi pensado para criar uma experiência sensorial e espiritual, convidando o visitante a refletir sobre a relação entre o divino e o humano, através do simbolismo riquíssimo presente na sua estrutura.



Gaudí, com sua obra magnífica, reflete sua fé inabalável, respeito e entrega a Deus. O renomado artista está prestes a ser beatificado pela Igreja Católica. O Vaticano estuda um possível milagre atribuído por sua intercessão, um requisito importante para ser declarado beato. É um processo lento, iniciado no ano 2000, mas segue recolhendo testemunhos sobre sua vida e virtudes, além da documentação necessária para sua santificação. O Papa Francisco, em 2025, o declarou venerável criador da Basílica da Sagrada Família.

“O fiel leigo Gaudí é considerado, por muitos, um exemplo de fé profunda e entrega a Deus através de sua obra arquitetônica. Sua intensa vida espiritual se reflete em sua obra. Essa entrega de sua vida a Deus e à humanidade foi especialmente evidente nos últimos anos de sua vida, quando se dedicou exclusivamente à construção da Sagrada Família, vivendo com humildade e simplicidade. Ele sempre tentava fazer o bem, por exemplo, cuidava de seus trabalhadores e suas famílias, tinha muito apreço aos pobres. Tudo isso ele fazia movido por uma profunda vida litúrgica e de oração”. (Fonte: Revista da Arquidiocese de Barcelona, novembro de 2025).

A dedicação de Gaudí revela que sua obra não foi apenas uma construção artística, mas um verdadeiro ato de devoção, refletindo seus valores mais profundos. Sua história inspira uma compreensão mais ampla sobre o significado espiritual envolvido na criação de uma das obras mais emblemáticas da arquitetura religiosa.



Gaudí, com sua obra magnífica, reflete sua fé inabalável, respeito e entrega a Deus. O renomado artista está prestes a ser beatificado pela Igreja Católica.



Metamorfose



Lídia Maria Cabral de Miranda

Artista plástica, professora, poeta e escritora

No ano de 1999, eu completava 15 anos na função de diretora de uma escola. Eu já não estava me sentindo bem nesta função e muitas coisas me deixavam triste. Foi quando comecei a ouvir uma voz que me dizia: “larga, larga!”. Eu não entendia o que era esse “larga”, até que compreendi que era para eu largar a função de diretora. Para mim, foi uma decisão difícil de ser tomada, porque só faltavam dois anos para eu me aposentar. Com coragem e decidida, pedi para sair da função e consegui uma licença-prêmio de seis meses. Quando retornei ao trabalho, cumpri o restante do tempo para aposentar em outra função.

No ano de 2000, durante a licença-prêmio, fui convidada para fazer uma viagem missionária ao norte do país e senti que era um chamado de Deus para essa fase da minha vida. Obedecendo a esse chamado, parti para Belém do Pará numa viagem de três dias e três noites de ônibus com o Projeto Missionário Evangelístico e Social Nilson Braga.

Fomos para uma cidade simples da periferia, onde a população era bastante pobre. Essa viagem foi para mim um divisor de águas, porque, quando voltei de lá, estava transformada em relação aos dons que tinha, mas que desconhecia.

Houve uma mudança radical: de professora à artista plástica e escritora. Uma mudança espiritual que passei a vivenciar e que engrandecia o meu espírito. Passei a abençoar, através de minhas obras e dos meus dons, muitas outras vidas carentes. Como estava de licença--prêmio, tinha tempo suficiente para me dedicar a esta obra do Senhor, porém não sabia quando voltaria para casa.

Chegando lá, passei a morar perto de um ateliê. Eu nunca havia prestado atenção nele, mesmo gostando de artes plásticas, de museus e de admirar quadros e pinturas. Eu me achava totalmente incapaz de pintar sequer uma tela. Um dia, fui até aquele ateliê e disse que queria aprender a pintar. A professora me ensinou a técnica e me disse que eu era uma artista nata; ela explicou que todos podem aprender a técnica, mas, se não houver dom, não há pintura.

E foi aí que aconteceu algo interessante: em um mês aprendi a técnica e pintei minha primeira tela. A partir daquele momento não parei mais. Pintei muitas outras telas a óleo, inclusive em casa, após sair do ateliê. A descoberta dos meus dons artísticos se estendeu para a escrita, e comecei a escrever poesias, poemas, histórias e contos. Foram tantas mudanças que cheguei a escrever e lançar sete livros solos, sendo uma autobiografia romanceada intitulada "EM BUSCA DA FELICIDADE". Participei também de antologias, e a última foi uma bilíngue, "LE JUBILÉ D'ARGENT À PARIS", lançada em 2025 nos idiomas português e francês, no Carroussel do Louvre, na França, e posteriormente no Cheirin Bão do Park Shopping de Campo Grande, no Rio de Janeiro.





Fluffy e seu amigo perdido

Ano Edição: 2024
Autora: Malú Marinacci – Gigi Mitrowic e Davi Mathias



Mel, a gatinha cegonha

Ano Edição: 2026
Autora: Clivia Martins de Oliveira Cainelli



Maga, a Bruxa engraçada

Ano Edição: 2026
Autora: Silvia Bruno Securato



A menina que andou no Arco-Íris

Ano Edição: 2026
Autora: Maria Alice Ferreira da Rosa



Acesse o QR Code e tenha acesso às obras



Obras de Arte e Museus

Sinopse: O livro reúne textos relacionados as Obras de Arte em geral e/ou Museus, brasileiros e internacionais, criada em homenagem a reabertura do Museu do Ipiranga, sediado em São Paulo-Capital.

ISBN: 978-65-89449-30-0
Ano Edição: 2022
Editora: Oficina do Livro Editora
Peso: 590 g
Pág. 172



Palavras ao vento em busca de encontros

Ano Edição: 2022
Autora: Astrid Kampf Beutler



Inteligência Artificial: medo, encantamento e realidade

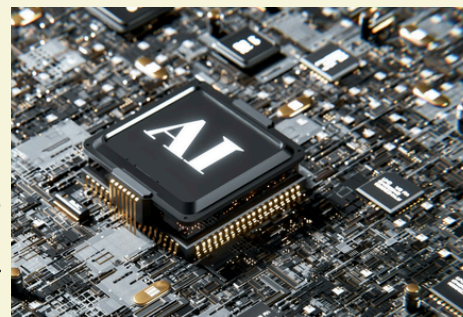


José Cláudio Securato

Fundador da Saint Paul Escola de Negócios e CEO da Exame Educação. @saintpaulescolanegocios @jcsecurato

A inteligência artificial (IA) tem provocado grande alvoroço no mundo, despertando sentimentos intensos e contraditórios. De um lado, surgem emoções positivas ligadas às oportunidades, aos ganhos de produtividade e à capacidade de melhorar o trabalho.

De outro, aparecem receios, inseguranças e a sensação de que estamos diante de algo misterioso e potencialmente arriscado. Parte desse desconforto vem do fato de que a chamada “inteligência artificial” não é nem inteligente nem totalmente artificial. Inteligência, no sentido estrito, é uma propriedade da matéria orgânica, exclusiva dos seres vivos. Tampouco tudo é artificial: por trás de muitos existem, ainda, pessoas reais. Quando denunciemos um post em redes sociais, por exemplo, a análise muitas vezes é feita por humanos, não por algoritmos.



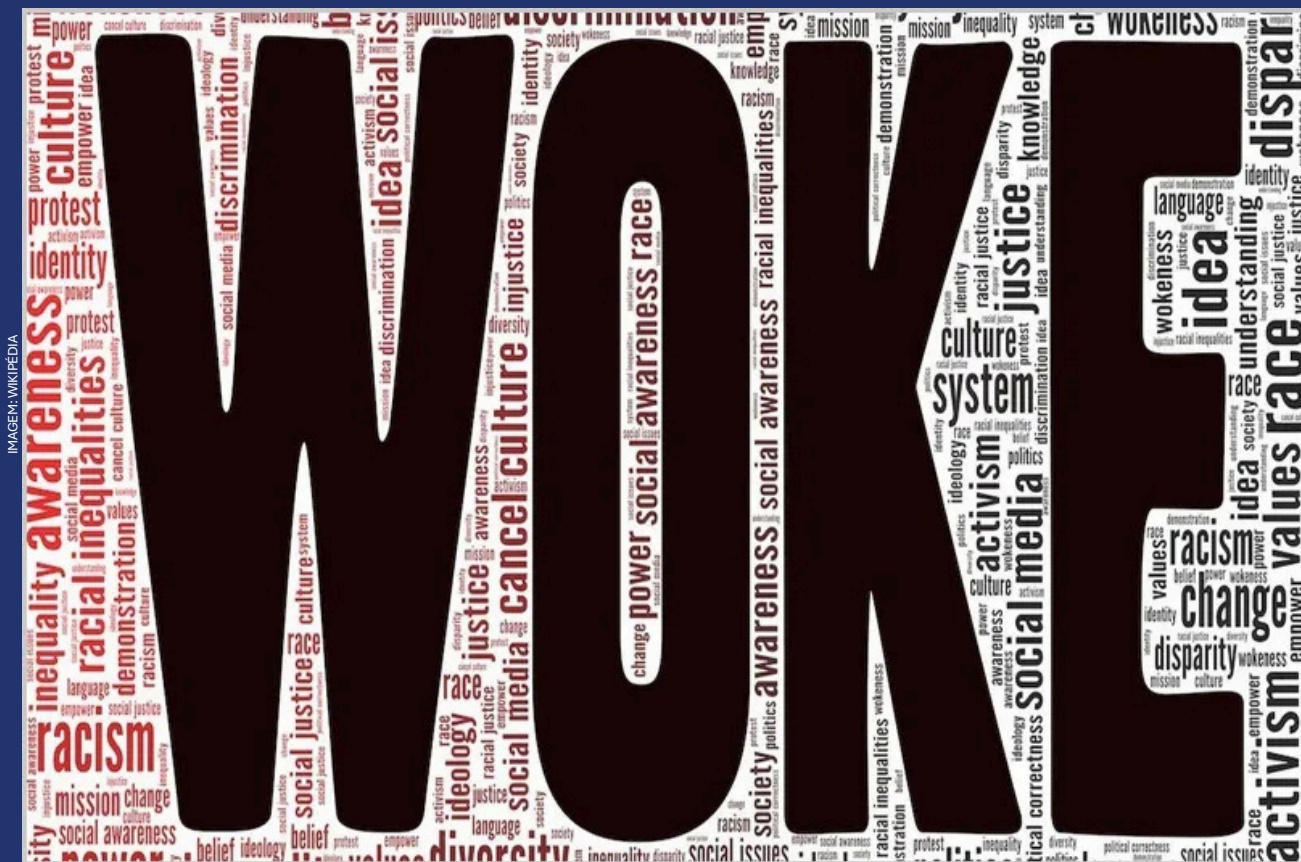
Hoje, duas grandes aplicações de IA moldam nossa relação com a tecnologia. A primeira é a IA generativa, presente em ferramentas como o ChatGPT. Ela amplia a capacidade de execução de tarefas, acelera processos e, quando usada com conhecimento e propósito, aumenta significativamente a qualidade dos resultados. segunda é a IA orientada por dados, fruto da digitalização e do enorme volume de informações gerado pela sociedade. Esses dados alimentam sistemas estatísticos e probabilísticos que permitem previsões, como o tempo estimado de entrega ao pedir comida por aplicativo. Trata-se de uma IA essencialmente preditiva, baseada em padrões matemáticos. Ambas as aplicações trazem benefícios claros para a vida e para o trabalho, mas exigem atenção permanente aos aspectos humanos: ética, direitos, transparência e responsabilidade no uso. A tecnologia pode ampliar acertos, mas também pode ampliar erros. Por isso, em vez de nos afastarmos da inteligência artificial por medo ou por não compreendermos plenamente seu funcionamento, devemos fazer o oposto: aproximar-nos dela. É fundamental aprender, experimentar, usar com cautela e aproveitar os benefícios reais que pode oferecer. A IA não é mágica nem ameaça autônoma; é uma construção humana que depende de nossas escolhas. O futuro não será definido pela inteligência artificial, mas por como nós, humanos, decidirmos utilizá-la.



Professora formada em História (PUC-SP)

O que é o movimento Woke?

Woke. Qual o significado dessa expressão na língua inglesa? Essa expressão deriva do verbo wake, ou melhor, de *to wake up*, que pode ser traduzido como acordar, levantar ou ainda “acorde” e “fique ligado”. No entanto, no atual contexto social, essas expressões vão muito além de indicar que se está desperto, por exemplo, quando iniciamos mais um dia de nossas vidas marcadas por diversas atividades ou tarefas a serem cumpridas.



Nesse sentido, devemos “ficar ligados” não só nas atividades e tarefas cotidianas, mas também naquilo que está à nossa volta, ou seja, nas questões de injustiça social e nas desigualdades que marcam nossa vivência coletiva. Diante disso, o termo *woke* assume um caráter de movimento social e político que busca acordar, despertar a sociedade para as suas próprias mazelas.

Portanto, o movimento *woke* refere-se a uma conscientização, enfim, a “ficar ligado”, atento às injustiças que nos cercam, como racismo, machismo, homofobia, desigualdade social, preconceito religioso e outras formas de opressão e discriminação social.

Daí depreende-se a interseccionalidade, termo que designa a justaposição entre grupos sociais que são, ao mesmo tempo, oprimidos e discriminados e para os quais, portanto, é necessário garantir o direito à voz, abrindo espaço na sociedade para que se manifestem na luta por seus direitos.

A origem dessa expressão, *woke*, está associada a outra expressão, *#StayWoke*, ambas relacionadas às lutas por direitos civis das comunidades afrodescendentes dos Estados Unidos nos anos 1960. Essas lutas, que continuam juntamente com o movimento *woke*, ganharam força com o *Black Lives Matter*, ou Vidas Negras Importam, que denuncia a violência policial norte-americana contra pessoas negras. Esse fato foi marcado

pelo assassinato de George Floyd, em maio de 2020, o que gerou uma onda de protestos dentro e fora dos Estados Unidos.

O movimento *woke* propõe-se a objetivos como justiça social e racial, igualdade, inclusão e consciência social, promovendo uma transformação no comportamento das pessoas, a partir da percepção de que a cor da pele, a identidade de gênero e a origem social não sejam empecilhos para a ascensão social ou profissional.

Esse movimento é marcado por muitas controvérsias entre aqueles que defendem que o *woke* é uma forma de protesto pacífico, que busca corrigir desigualdades e promover um mundo mais justo, e aqueles que veem nesse movimento uma expressão dogmática, até mesmo doutrinária, de seus de seus defensores, assumindo um posicionamento radical que leva à chamada cultura do cancelamento, muito comum nas redes sociais, nas quais aquele que não se encaixa nos grupos defendidos pelo movimento *woke* teria negado o direito de se expressar, sendo, portanto, cancelado.

Enfim, um dos desafios do movimento *woke*, que tem sua importância na busca de uma sociedade melhor, é manter a coerência na defesa de seus objetivos e propostas em um mundo ainda, e cada vez mais, polarizado, principalmente nas redes sociais, onde muitas vezes não há limites para se expressar, seja para o bem ou para o mal.

FONTES DE PESQUISA

<https://www.politize.com.br/cultura-woke>

<https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>

https://cultura.uol.com.br/programas/linhascruzadas/v%C3%ADdeos/14864_linhas_cruzadas-wolkismo-x-senso-comum-20-03-2025.html



Ser mãe

O que isso significa, afinal?



Andrea Securato

*Terapeuta Holística, consteladora familiar.
@andreasecurato*

Muitas dizem que é ultrapassar o amor que se tem pelo marido, outras afirmam ser um sonho de infância, enquanto algumas esperam encontrar o chamado amor incondicional, construir uma família ou sentir que se completaram como mulheres.

Hoje, com uma filha de sete anos e gêmeas de cinco, acredito que a maternidade vai muito além de tudo isso, pois ser mãe é mergulhar para dentro de si com uma profundidade tão grande que somos capazes de alcançar lugares que jamais imaginamos existir.

Eu tinha uma visão romantizada da maternidade e acreditava que tudo seria lindo e fácil, mas, como acontece com muitas mulheres, me enganei. A realidade chegou de forma avassaladora e passou por cima de tudo o que eu havia idealizado. Naquele momento doeu, mas hoje agradeço todos os dias por tudo o que aprendi ao longo desse processo.

É claro que amo minhas filhas incondicionalmente e que elas são parte central da minha vida, mas nem sempre foi assim. Houve um período em que eu maternava na raiva, carregando tanta frustração dentro de mim que não conseguia oferecer a elas nada diferente desses sentimentos, o que fazia com que nossos dias fossem marcados por gritos, choros, crises, cansaço, tristeza e uma solidão profunda.



Até que um dia uma pessoa muito especial me disse: “Você não pode continuar gritando com essas meninas”. Foi nesse momento que entendi que, daquela forma, eu não conseguiria ter bons resultados na criação delas, pois na base do grito não se formam crianças emocionalmente saudáveis e preparadas para enfrentar o mundo. A partir disso, decidi buscar ajuda para construir uma maternidade mais saudável.

Eu não sabia exatamente qual caminho encontraria pela frente, mas estava tão determinada a ser uma mãe melhor que nada me faria desistir até que eu me reconhecesse nessa nova direção.

Durante esse percurso, fiz um mergulho profundo em mim mesma, passando por terapias, cursos, pesquisas e estudos. Compreendi a origem daquela raiva que me consumia, consegui dar um destino a esse sentimento e, aos poucos, fui transformando-o, até que hoje ele já não faz mais parte da minha rotina. Entendi que preciso ser a mãe que cada uma das minhas filhas necessita e não a mãe idealizada que existia apenas na minha cabeça.

*Ao longo dessa jornada,
descobri muitas riquezas
dentro de mim, me
transformei, me superei e
construí uma maternidade
baseada no respeito, no afeto
e no acolhimento, elementos
que considero essenciais para
que uma criança cresça
amada, segura e confiante.*

Essa experiência foi tão significativa que, atualmente, atendo mães que enfrentam desafios semelhantes aos que vivi, como rejeição, insegurança e solidão.

Ao longo dessa jornada, descobri muitas riquezas dentro de mim, me transformei, me superei e construí uma maternidade baseada no respeito, no afeto e no acolhimento, elementos que considero essenciais para que uma criança cresça amada, segura e confiante. Espero que, quando chegar a vez de minhas filhas serem mães, esse caminho seja mais leve do que foi para mim.

Ser mãe é transformar a própria vida para permitir que a vida do outro floresça, dando espaço para que o filho seja exatamente quem ele é, enquanto a mãe permanece atenta, compreende suas necessidades e o ajuda a superá-las.

Enfim, ser mãe é um caminho de construção da própria melhor versão, por isso vale a pena viver a maternidade com consciência e oferecer aos filhos o melhor que se tem.



50 anos!



**José Roberto
Securato Junior**

*Banker, Professor, Mentor
@investmentbankingbr
Linkedin: josesecurato*

Este ano completo 50 anos. Na era medieval, eu estaria nas últimas.

Para a geração dos meus avós, eu teria mais 20 anos de vida, enquanto na geração dos meus pais, eu teria mais 30.

Já na minha geração, eu acho que tenho mais 70 anos... sim! baterei 120 anos (e você também!). E olha que esses 50 anos foram bem vividos, hein!

Trabalhando 12 horas por dia nos últimos 30 anos, estou muito mais rodado do que muito jovem de 70 anos. Estudei para burro (o aprendiz), trabalhei em muitas transações que deram certo, e muito mais que não deram certo (o banker), leciono ao menos duas vezes por semana, inclusive muitos sábados e alguns domingos (o professor) e fiz mais de 100 mentorias individuais em 2025 (o mentor).

Aos 50 anos, estou melhor do que nos meus 40 anos. E olha que eu "me achava" aos 40! A vida é isso: a gente melhora com o tempo. Adoro a arrogância dos 20 ou 30 anos, daquele povo que acha que está no auge e sabe de tudo. Mas quando pergunto em uma mentoria como ele se compararia com ele mesmo de 40 anos, todos concordam que o mais experiente será melhor. Santa incoerência!

Aos 50 anos tenho muito para ensinar, mas ainda sou aprendiz. As mentorias ajudam um monte de gente, mas principalmente me ajudam, pois eu, mais do que ninguém, preciso ouvir o que digo para meus pupilos. Crescemos juntos. Cada aula nova que assumo é um desafio, uma construção e um aprendizado. Escrevi um livro e aprendi muito, lancei um podcast e não paro de me surpreender.

Aos 50 anos, o melhor ainda está por vir. Não porque seja assim, mas porque eu quero que seja assim. Com mais 70 anos pela frente, preciso me cuidar, me reinventar e me manter atualizado. Não quero ficar encostado nem definhando. Seguirei trabalhando, aprendendo, ensinando e mentorando.

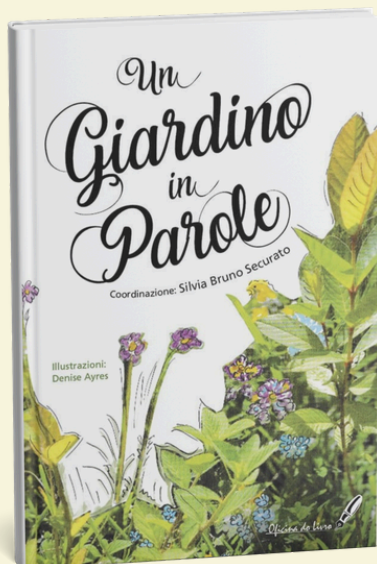


A palavra como travessia: **A.C.I.MA. Itália**



Sonia Miquelin

Escritora, editora, mentora e curadora de projetos internacionais.



Há pessoas que nascem com o dom de ouvir histórias; outras, com a coragem de preservá-las. Sonia Miquelin reúne ambos. Editora, mentora OLIVI, escritora e curadora dos projetos internacionais da A.C.I.MA. Itália, construiu sua trajetória a partir de um amor antigo pelos livros — objetos quase sagrados onde a memória humana aprende a sobreviver ao tempo.

À frente da curadoria internacional da A.C.I.MA., sua missão ganhou alcance global. A organização conecta arte, cultura, identidade e memória, levando vozes lusófonas ao mundo e acolhendo olhares de fora para enriquecer o Brasil. Com stand fixo no Salão Internacional de Turim há 14 anos, a A.C.I.MA. consolida sua presença e relevância internacional. Sua curadoria é marcada por rigor, ética e paixão — combinação rara que transforma projetos em experiências de pertencimento.

Há pessoas que nascem com o dom de ouvir histórias; outras, com a coragem de preservá-las. Sonia Miquelin reúne ambos. Editora, mentora OLIVI, escritora e curadora dos projetos internacionais da A.C.I.MA. Itália, construiu sua trajetória a partir de um amor antigo pelos livros — objetos quase sagrados onde a memória humana aprende a sobreviver ao tempo.

À frente da curadoria internacional da A.C.I.MA., sua missão ganhou alcance global. A organização conecta arte, cultura, identidade e memória, levando vozes lusófonas ao mundo e acolhendo olhares de fora para enriquecer o Brasil. Com stand fixo no Salão Internacional de Turim há 14 anos, a A.C.I.MA. consolida sua presença e relevância internacional. Sua curadoria é marcada por rigor, ética e paixão — combinação rara que transforma projetos em experiências de pertencimento.

Uma convicção atravessa todo o seu trabalho: a palavra transforma. E a arte, quando honesta, cria pontes entre povos, gerações e geografias. Parcerias sólidas se consolidam nesse diálogo contínuo entre Itália e Brasil. Sua atuação vai além do livro como objeto; transforma-o em território de encontro e pertencimento.

Em 2026, a A.C.I.MA. Itália celebra seu Jubileu de Cristal: quinze anos de atuação internacional. Mais do que uma comemoração, será um marco histórico e cultural — um ponto de encontro entre histórias que cruzaram oceanos. E você pode ser protagonista desse momento.

Autores, escritores e artistas terão a oportunidade de levar sua escrita além-fronteiras. Será concedido o Mérito Honorífico de Embaixadores Culturais A.C.I.MA. Itália 2026 aos coautores dos projetos ligados ao jubileu, com cerimônias

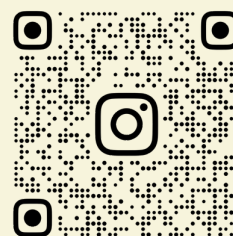
oficiais na Itália e no Brasil, unindo destinos, línguas e narrativas.

Paralelamente, a Mentoria OLIVI – O Livro de Sua Vida, por Sonia Miquelin, convida quem deseja escrever com verdade, consciência e identidade. Um processo consolidado de autoconhecimento e posicionamento autoral, que já ajudou centenas de escritores a lançar suas obras no mundo.

Pertencer ao movimento A.C.I.MA. Itália é integrar uma corrente cultural viva, sem fronteiras visíveis, onde a palavra é abrigo e passagem. Um movimento que valoriza o humano, honra a memória e celebra a coragem de contar a própria história. Porque toda história que nasce da verdade merece atravessar fronteiras.



Jubileu de Cristal: Embaixadores Culturais 2026 Em comemoração aos 15 anos da A.C.I.MA. Itália, autores e artistas poderão receber o Mérito Honorífico de Embaixadores Culturais. Uma oportunidade única de levar sua voz ao cenário internacional com cerimônias na Itália e no Brasil.



A.C.I.MA.ITALIA

ESPORTE TAMBÉM É CULTURA

Minhas amigas, meus amigos!

Escrever sobre esporte parece fácil. Ainda mais quando se gosta de esporte, certo? Não... não é certo. Aliás, escrever sobre qualquer tema não é tarefa fácil.

Desde pequeno, sempre gostei de esporte e sempre o acompanhei. Nem precisaria dizer, mas ainda assim digo: o futebol estava na frente dos demais esportes. Apesar disso, se você, leitor, me perguntar sobre qualquer modalidade, garanto que saberei algumas poucas regras de quase todas. Veja bem... de QUASE todos!

Neste primeiro artigo sobre “Esporte também é cultura!”, vou me valer de lembranças da minha infância que não esqueço jamais. Por gostar muito de futebol, eu ouvia as transmissões dos jogos pelo rádio, pois eram raras, naquela época, as transmissões pela TV. Imaginar (e visualizar) as descrições detalhadas dos locutores de cada partida, as intervenções dos repórteres de campo e os comentaristas, nos intervalos e após os jogos, era fascinante... e, hoje em dia, ainda é!

Todos sabemos que o avanço da tecnologia nos trouxe a possibilidade de ver tudo na TV, em tempo real. Mas nada como ver um gol do nosso time — mesmo depois do jogo — com a transmissão de um locutor de rádio. A emoção é muito diferente!



Wilson Alcântara

*Economista de formação,
Auditor e Educador Financeiro*





Todos sabemos que o avanço da tecnologia nos trouxe a possibilidade de assistir a tudo em tempo real pela televisão. Mas nada se compara a ouvir um gol do nosso time narrado por um locutor de rádio, mesmo depois do jogo. A emoção é completamente diferente.

E assim por diante!

Escrevi tudo isso para chegar no seguinte ponto: eu passei a gostar das aulas de Geografia por causa das transmissões dos jogos que eu ouvia pelo rádio. Como assim? "O que tem uma coisa a ver com a outra?", me perguntará o querido leitor desta coluna de estreia. Tudo... simplesmente tudo, e eu explico! Por ser muito jovem, eu ainda não era levado pelo meu pai aos estádios para ver os jogos. Minha alternativa era escutar as transmissões pelo rádio... graças a Deus! Eu acompanhava desde a abertura dos trabalhos até o final das jornadas. É certo que, naquele tempo, não existiam jogos de tarde, de manhã e de noite, e nem todos os dias da semana como atualmente. Era, basicamente, um único jogo transmitido nas tardes de domingo; com muita emoção, sempre! Acabado o jogo, vinham as entrevistas ainda dentro do gramado com os jogadores e os técnicos, os comentários e... o plantão da rodada.

O que viria a ser o plantão da rodada? O plantão consistia em ter um profissional da imprensa no estúdio da rádio repassando, resumidamente, tudo o que havia acontecido nos jogos daquela rodada, jogo por jogo: resultados, escalações, público pagante, os artilheiros das partidas, etc. E, na sequência, eram informados os resultados de todos os jogos ocorridos naquele dia em **TODOS OS ESTADOS DO BRASIL**, sempre destacando os nomes das cidades onde os jogos eram disputados. Assim anunciava o plantonista da rodada:

"Agora, vamos aos jogos do campeonato capixaba (para quem não sabe: do Espírito Santo!): Desportivo Ferroviário, de Cariacica, 1 x Rio Branco, de Vitória, 1. Pelo campeonato do Rio Grande do Norte: ABC, de Natal, 2 x Baraúnas, de Mossoró, 0. Pelo campeonato paraibano: Campinense, de Campina Grande, 0 x Esporte Clube de Patos, de Patos, também 0. Pelo campeonato catarinense: Avaí contra Chapecoense, de Chapecó, adiado devido às chuvas intensas naquele Estado."*

Eu prestava atenção nos nomes dos times e, principalmente, nos nomes das cidades envolvidas nos jogos. Quem, em sua consciência, hoje em dia, saberia que no estado de São Paulo existia um time chamado Mirassol, na também pouco conhecida cidade de Mirassol, que fica a 450 km da capital paulista?

Vejam só: traçando um pequeno paralelo entre os tempos idos da minha juventude e a atualidade, posso afirmar que o futebol nos ensina Geografia, mesmo que involuntariamente. Se lá atrás eu me valia das transmissões de rádio para conhecer as cidades do Brasil, a criançada de alguns anos para cá passou a conhecer times e cidades do mundo todo, em tempo real.

O contato com times e cidades/países do mundo agrega cultura em todos nós, independentemente das nossas idades.

Enfim, graças ao futebol transmitido pelas ondas do rádio, pude "conhecer" um pouco da geografia deste país gigante chamado Brasil... e agora, do mundo!

O retorno à beleza



Vera Melo
Historiadora e Escritora

É preciso que eu conte como foi voltar à Florença. Começamos a caminhar pela cidade naquela primeira viagem à Europa e eu, muito emocionada, sentia as lágrimas escorrendo pelo rosto. Meu marido, assustado, perguntou o que havia acontecido. Sem pensar na resposta, eu disse: “Não é nada, é que estou voltando para casa, faz tanto tempo...”. Ele me olhou com ar preocupado e ficou calado, como convinha naquele momento. Assim, voltei para casa...

Nesse dia, teve início uma grande paixão por aquela cidade, por sua arte renascentista, exposta de forma escancarada, e por suas ruas estreitas e lindas. Tornou-se impossível ir à Itália sem passar pela mais mágica de todas as cidades que conheço, sem visitar o rio Arno, atravessar a Ponte Vecchio e tomar um café ali, no final, à esquerda, no café que leva o nome da ponte. É sempre necessário rever o David, de Michelangelo, subir ao *Piazzale* que leva o nome do artista e ficar namorando a linda cidade: o *Duomo*, *Santa Maria del Fiore*, com a primeira cúpula totalmente fechada, que não desabou, magnífica obra do arquiteto *Brunelleschi*, do início do século XV. Visitar outras tantas obras de Michelangelo Santa Maria Novella, a casa onde viveu Dante Alighieri, a de Leonardo, andar por todas as suas ruelas anônimas e lindas.

Feiticeiras, que nos encantam. Sentir a magia que paira no ar dessa cidade, morada de fadas, essas que quase podemos ver quando caminhamos à noite. Viajei tanto quanto pude e, por mais cidades que conheça, minha paixão por Florença persiste. Pretendo ainda voltar à cidade da minha alma, caminhar por suas ruas, rever o Rio Arno, reviver a magia de estar na minha cidade, aquela onde vivi em algum momento do passado e onde havia ficado. E, chegada a hora de partir, chorar...



A minha relação com a Literatura

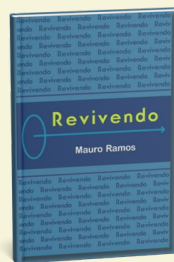


Mauro Ramos
*Empresário,
escritor,
compositor*

Assim como outros jovens, na adolescência eu gostava de escrever poemas, poesias, contos, crônicas, dentre outros gêneros, e tinha o costume de guardá-los. Era um jeito de manifestar-me sobre a vida, o cotidiano, sair dos limites materiais e realizar aventuras criativas.

Essas minhas produções artísticas ficaram adormecidas quando priorizei a formação acadêmica e a ascensão profissional. Anos depois, na faculdade em que eu cursava Administração de Empresas, havia um jornal interno, contendo publicações com assuntos diversos e tiragem bimestral. A convite, compartilhei nele alguns dos meus contos, poemas e poesias. Foi uma experiência incrível ver pessoas lendo e algumas me cumprimentando.

Diante desses eventos, empolguei-me e datilografei os manuscritos que se encontravam em folhas avulsas e também em um caderno. Assim, criei o meu próprio e único livro, nomeando-o de “Revivendo”.



Optei por este título por acreditar que estamos sempre em movimento, aprendendo, ressignificando conceitos, superando desafios, modificando comportamentos, em suma, renascendo para a vida. Este material permaneceu guardado por mais de 30 anos quando, então, em 2012, por intermédio de amigos comuns, tive o prazer de conhecer a notória escritora Silvia Bruno Securato, presidente fundadora da Oficina do Livro Editora.

Com a coordenação da Silvia, percorremos todos os estágios e publicamos o livro “Revivendo”. É indescritível a emoção que senti ao ter o livro e os manuscritos antigos, nas minhas mãos, lado a lado. Fizemos o lançamento e a noite de autógrafos, em grande estilo, em uma livraria de renome, com a presença de familiares, amigos, representantes das escolas e locais de trabalho por onde transitei, além do público em geral.

A partir daí, tornei-me membro efetivo do Grupo de Escritores da Oficina do Livro Editora e continuei publicando as minhas obras, como coautor, em antologias, totalizando doze até o momento. Além dos encontros literários periódicos, tive a oportunidade de participar de duas bienais internacionais do livro, em São Paulo.

A atividade literária, que tenho como hobby, permite-me expressar ideias, emoções, pontos de vista, aspirações, frustrações e experiências; incentiva a criatividade; instiga a observar e criar histórias; oportuniza divulgar sonhos e registrar como as pessoas se comportam. Enfim, encontro nela a liberdade de interpretar, julgar e concluir de acordo com os meus pensamentos, crenças e convicções.

A vida pulsa na poesia de Marco Lucchesi



Clivia Martins de Oliveira Cainelli

Autora de diversos textos publicados e, atualmente, é pesquisadora do grupo ligado ao CNPq.

Marco Lucchesi ocupa um lugar singular no panorama literário brasileiro contemporâneo. Poeta, ensaísta, tradutor, professor e defensor incansável da dignidade humana, é hoje uma voz poética que celebra a vida em todas as suas cores, tensões e mistérios. Essa pulsação torna-se especialmente visível nos novos poemas reunidos em Poesia Mundi.

A obra não se apresenta apenas como uma coletânea, mas como um testemunho da força criadora de reinventar a própria linguagem. Em suas páginas, percebe-se a fusão entre tradição e inovação. A erudição clássica dialoga com a memória pessoal. O ritmo da linguagem é, ao mesmo tempo, musical e matemático, enquanto os temas transitam entre a solidão, o amor, a utopia e a busca espiritual.

Como acadêmico, Marco Lucchesi é o sétimo ocupante da cadeira nº 15 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 3 de março de 2011 e empossado em maio do mesmo ano. Sua produção literária é vasta. Domina mais de vinte idiomas e criou uma língua artificial chamada laputar.

Atualmente, como presidente da Fundação Biblioteca Nacional, dedica grande parte de seu trabalho a levar livros aos mais diversos recantos do planeta, sobretudo às comunidades historicamente afastadas do acesso à leitura, como povos indígenas, moradores de periferias urbanas e regiões isoladas. Em Poesia Mundi, essa pulsação vital que marca a trajetória de Lucchesi ganha novos contornos, pois a obra se move como uma espécie de atlas poético, no qual cada texto registra uma forma particular de ver e sentir a



Nesses poemas reunidos, nada é esquecido. Tudo é rememorado no ritmo de imagens singulares que ressurgem no tempo, no espaço e nas múltiplas vozes com as quais o poeta dialoga e habita. Testemunha-se, em suas páginas, a mediação entre o humano e o mundo, entre o efêmero e o eterno...

O poema se nutre da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, de seus sonhos e de suas paixões, isto é, de suas tendências mais secretas e poderosas”.

Com linguagem precisa e imagética, o livro reafirma o papel de Lucchesi como um dos nomes mais cosmológicos da literatura brasileira contemporânea. Em tempos de dispersão e isolamento, sua obra insiste na ideia de encontro, entre culturas, narrativas e afetos.

Poesia Mundi, portanto, não apenas amplia o alcance internacional do poeta, como também reforça sua marca essencial: a crença de que a palavra literária, quando comprometida com o outro, torna-se território vivo.

Assim, caro leitor e cara leitora, atravessem os portais de Poesia Mundi, lugar de presença e janela para o infinito. Aqui, imagem, som e silêncio reconhecem a beleza nos recantos mais simples da vida. Trata-se de uma morada aberta ao mundo, revelada em sua densidade, delicadeza e fascínio.

Permitam-se receber o toque de cada verso e descobrir uma poesia que habita a própria vida, com curiosidade, coragem e admiração. A obra convida a cruzar o limiar entre o real e o transcendente, reconhecendo no diálogo um refúgio possível frente ao confronto.

Entrem, permaneçam, sintam e habitem este espaço de reflexão oferecido por Marco Lucchesi. Um pulsar de luz e silêncio, de memória e esperança, onde a poesia se torna não apenas arte, mas destino, o lugar em que o mundo encontra, ora repouso, ora movimento, na disposição das palavras.



**SOB O CÉU INQUIETO
DA LINGUAGEM, OS
PALCOS NÃO SE FECHAM.
ONDULAM. CONTINUAM...**



A personagem esquecida: a mulher que escreve



**Tábita Dias Fagundes
Vieira**

Advogada e Ghost Writer



A escrita de mulheres não é um nicho: é um gesto estético e político que desloca certezas, ilumina ângulos esquecidos e restitui às sociedades partes inteiras de sua própria sensibilidade.

Durante séculos, a literatura carregou uma ausência silenciosa: a da mulher que escrevia, mas não podia assinar. Muitas publicaram sob pseudônimos masculinos; outras permaneceram ocultas atrás de maridos ou editores que lhes emprestavam o nome. Esse apagamento não é uma nota de rodapé, é parte da própria formação do cânone, que decidiu quem merecia ser lido e quem deveria permanecer na sombra.

Mesmo hoje, em um cenário mais plural, a assimetria persiste. A mulher que escreve, seja jurista, cientista, ou artista, ainda negocia legitimidade, como se sua voz precisasse provar que tem peso suficiente para participar da conversa pública.

E, justamente por isso, iniciativas que valorizam o protagonismo feminino tornam-se tão transformadoras: elas não apenas corrigem uma injustiça histórica, mas ampliam a paisagem cultural. Quando as narrativas femininas ganham espaço, o mundo ganha profundidade.

A escrita de mulheres não é um nicho: é um gesto estético e político que desloca certezas, ilumina ângulos esquecidos e restitui às sociedades partes inteiras de sua própria sensibilidade. Resgatar a mulher escritora, ontem e hoje, é devolver-lhe seu nome, sua autoria e seu direito de existir como força criadora.

Projetos como esta coletânea ajudam a recontar essa história, desta vez permitindo que a personagem esquecida assine, enfim, a própria narrativa.



Claudia Vecchi-Annuciato
Escritora e Educadora

Grão

O tempo é um amigo? Será? Nunca tive tantas dúvidas a respeito da minha relação com o passado. Olhar para aquela ampulheta parada sobre a mesa, cujo grão de areia, em um acaso perfeito do destino, interrompeu o fluxo do tempo, pareceu-me tão surreal quanto o relógio de Dalí escorrendo pela prateleira. O tempo na ampulheta havia parado, e eu fiquei absorta, olhando aquele único grão capaz de interromper o fluxo de uma vida. Aquele grão fez o tempo parar.

Não havia sons. Os pássaros pararam. A cidade, desenfreada em suas atividades cotidianas, freou. Tudo estava calmo. Assustadoramente calmo.

Como voltar? Apenas dar um peteleco? Chacoalhar a ampulheta? Como fazer o tempo voltar a correr? Espere... quero que ele volte a correr? Ou devo contemplar o silêncio e a imobilidade? Imobilidade. Como eu estou imóvel diante das transformações da vida, paralisada apenas por um grão. É... um grão muda o destino de uma pessoa. Um só momento muda toda uma vida. Continuo parada, olhando a ampulheta imóvel, pensando em tudo o que aconteceu até aquele momento. Agora, tudo está imóvel. Surreal.

Ali

Como o dia está perfeito. O brilho dourado do sol, no quebrar das ondas, faz com que tudo e todos pareçam encantados, mágicos, efêmeros, distantes.

Será que esse é o som das borbulhas de amor que acontecem no encontro do sol, do mar, da água e da areia?

Será que esse sentir morno, que vai e vem levando e trazendo tudo e, ao mesmo tempo, o silencioso nada, é o objetivo?

Como podem existir “serás” em um dia tão perfeito? O cheiro fresco da água de coco. Água mais que doce, derramada ao certo corte do facão.

Melhor... água gotejada e, num simples espirro, é possível ver as pequenas covas circulares na areia, marcas da água saborosa, agora misturada à areia.

Corte preciso. Cirúrgico, que deixa o interior puro e branco à mostra. A água se esvai. Acaba.

Continuo ali, sentindo o morno do mar, lembrando da areia, do coco e de sua água. Vejo o céu de um azul tão puro por entre as transparências. A água agora é salgada e oscilante, como que bailando com meu corpo.

O movimento ritmado do vai e vem entre a água e a areia. Entre uma vida que foi e alguém me encontrar ali.

LITERATURA



Astrid Kampf Beutler

*Professora formada em Matemática,
membro ativo da AJEB-SP e da Rede Sem
Fronteiras*

COP-30 Conferência das Partes

Chegou a tão esperada COP-30, Conferência das Partes (*Conference of the Parties*), a maior e mais importante reunião anual da ONU sobre mudanças climáticas. A conscientização humana sobre a riqueza que a Natureza nos assegura é de vital importância neste momento, e este poema, de minha autoria, merece ser cantado para a alegria dessa rica e insubstituível parceira que nos alimenta, nos protege e faz tudo germinar e crescer. Estejamos comprometidos com ela. Tenhamos conhecimentos profundos sobre a Natureza e sobre o valor do que ela produz.

Esta árvore

Dizer que é grandiosa?
É lugar comum e não expressa tudo.
Dizer que é riqueza?
Chega mais perto, mas ainda não é ...
Dizer que é presença radiosa?
Expressa melhor o que mostra todos os dias.
Podemos falar, visto que a Natureza escuta:
“Tu enches de luz,
A luz da Esperança
As vidas que aqui transitam...
As vidas que em tua beleza
Reverenciam a Criação”.
Obrigada.

Fotografia: Mário Henrique Kampf

Falta de assunto



Maria Alice Ferreira da Rosa
Escritora e blogueira
alicealinhavandolettras.com
[@ferreira_mariaar](https://twitter.com/ferreira_mariaar)

Há dias em que é difícil escrever. Há ideias, no entanto tudo o que se escreve parece tão sem sentido...

E sem sentido no mau sentido. Porque muitas ideias que parecem malucas, postas no papel e bem desenvolvidas, resultam em ótimos textos, ainda que sem sentido. E aqui sem sentido no bom sentido.

Às vezes penso que García Márquez começava a escrever sem nenhuma ideia, e as palavras iam saindo por livre vontade e se juntando, formando linhas, capítulos e livros.

E, depois que o lemos, nunca mais podemos esquecer seus personagens, de tão marcantes que são. Um exemplo são os membros da família Arcadio Buendia, da cidade de Macondo: as mulheres fantásticas da família, o cigano Melquíades, todos de “*Cem Anos de Solidão*”.

E, assim, outros romancistas que nos fascinam com suas histórias absolutamente fantásticas, mas de tamanha consistência que não conseguimos parar de ler antes do final.

Mas, para quem não é escritor, e apenas se aventura a alinhar letras desafiando a falta de talento, não é assim tão fácil. Nem simples. Por mais palavras que se joguem no papel, nada surge.

E, aí, aparece a maior indagação da humanidade, referente à origem de tudo, porque, se do nada nada surge, de onde surgimos nós? O que era antes? o que será depois? de onde eu vim? para onde eu vou?



E a pior de todas: onde eu estou?

Em volta dessas indagações, é possível passar dias e noites (especialmente noites, principalmente em redor de uma mesa bem frequentada, com cervejinha ou bom uísque, alguns petiscos etc.). É a delícia dos filósofos de botequim, categoria a que me orgulho de ter pertencido por largos anos. Ótimos anos. E as duas últimas perguntas eram inevitáveis àqueles que não conseguiam parar de beber quando ainda podiam se localizar no tempo e no espaço. Nessa categoria, felizmente, não me incluía.

Mas, como na vida tudo passa (nas palavras do amigo Ivan, especialmente o tempo e o ferro que são os que mais passam), também meus tempos de botequim se acabaram; os filósofos, companheiros de copo e de mesa, desfizeram-se no ar, sumiram na vida e se tornaram doces lembranças.

E, assim, da falta de ideia e de assunto, de vez em quando dá até para arriscar escrever uma crônica.

Empreendedorismo



Alceu Antônio Forlin
*Engenheiro mecânico,
industrialista, pecuarista,
empresário e sócio
fundador da Isoeste*

Empreendedorismo é um termo que se popularizou a partir da década de 1990 e vai muito além do simples desejo de se ter um negócio próprio. Empreender significa ter visão de individualidade, buscar independência e crescimento financeiro, além de atuar em diferentes nichos de mercado.

Muitos jovens, após a formação, já tentaram ou pensaram em empreender. Embora o grau de escolaridade não seja determinante, o sucesso no negócio próprio não depende exclusivamente de um diploma, porém a formação acadêmica ou cursos profissionalizantes contribuem significativamente na empreitada, assim como a experiência prévia no setor escolhido são diferenciais decisivos, pois dificilmente alguém prospera sem conhecer profundamente os processos ou o mercado em que pretende atuar.

O empreendedor precisa ter um perfil independente, ativo, destemido e arrojado, disposto a não se subordinar a ordens com as quais não concorda, rompendo com a zona de conforto da subordinação. Esse perfil não é comum a todos, pois o empreendedor nato possui um “DNA” que privilegia sua autonomia, enquanto muitas pessoas preferem segurança e estabilidade ao risco do imprevisível.

Um dos principais desafios que o empreendedor passa é o de trocar a segurança do emprego pelo risco do negócio próprio. O colaborador empregado tem renda garantida, independentemente de fatores externos como variação cambial, concorrência, impostos ou custos de matéria-prima. Empreendendo ele terá que lidar com o fim da previsibilidade porque seu salário fixo será substituído por uma remuneração que depende do mercado; passará a ser diretamente afetado pela alta do dólar, carga tributária, escassez de matéria-prima e concorrência acirrada, além de passar a ter responsabilidade total pelo próprio negócio absorvendo todas as oscilações da sua atividade operacional.

Empreender na área industrial é consideravelmente mais complexo que no comércio ou serviços. O setor exige alto investimento em maquinário, galpões e tecnologia, incluindo uma gestão robusta que garanta um controle rigoroso de estoque, logística, matéria-prima e administração.

É comum no setor industrial, colaboradores após adquirirem conhecimento técnico,

Empreender é identificar oportunidades ou necessidades de um público e enxergar além do olhar comum ou acomodado.

decidam abrir suas próprias empresas no mesmo segmento, transformando-se em seus concorrentes.

Embora seja uma evolução natural, esse movimento gera tensões no mercado e exige que o novo empresário esteja preparado para enfrentar a mesma estrutura de onde saiu, mas agora sob o peso das responsabilidades de liderança.

O Caminho do empreendedor: Do perfil à estratégia

Sonhar alto e ter recursos não basta; é preciso saber onde se pisa. O estudo de mercado é o mapa que identifica: demanda e comportamento do consumidor, pontos fortes e fraquezas dos concorrentes e qualidade dos fornecedores e viabilidade logística. Para sobreviver a esse início, o empreendedor pode contar com consultorias especializadas para detalhar seu nicho de atuação e minimizar frustrações.

É preciso entender “as pedras e as flores do caminho” que está disposto a trilhar antes de investir. Iniciar uma atividade sem esse estudo poderá ser frustrante e até desastroso. O sucesso depende da combinação de uma postura ativa, um planejamento técnico rigoroso, reserva financeira, um bocado de sorte e, acima de tudo, muito trabalho duro.

O Caminho para o sucesso Industrial: A força da tríade societária

Especialmente **na indústria, a união de forças é fundamental. O modelo ideal é a sociedade com três sócios ativos,**

número que simboliza o equilíbrio e a democracia. Com três pessoas, nunca há impasse; a maioria define o rumo, mantendo a empresa ativa decidindo as situações com agilidade e eficiência.

Cada sócio se dedica à sua área de competência, permitindo que a empresa "pesque em vários pontos do rio" simultaneamente e multiplique o aprendizado captado em feiras, congressos e outros mercados atuantes. O ambiente é propício para a especialização de todos e para o alcance dos resultados.

Os numerologistas dizem que três é um número sagrado, afinal temos a Santíssima Trindade: o pai, o filho e Espírito Santo. Na natureza: corpo, mente e espírito, raiz, tronco e copa. Na água os três estados: líquido, sólido e gasoso, e assim por diante.

Uma sociedade é um compromisso mais complexo que um casamento. Exige confiança absoluta, alinhamento de visão e a maturidade de saber ceder. Enquanto conflitos pessoais podem ser resolvidos com afeto, desavenças societárias podem ter consequências graves, exigindo que os sócios caminhem sempre sob o mesmo prisma e ritmo de trabalho.

O Caminho para o êxito: Foco, domínio e presença

O Empreendedor deve ter domínio total do segmento e estar presente em todas as etapas da operação. Ter apenas capital e delegar a gestão a terceiros no início da criação da empresa é arriscado e dificilmente resultará em sucesso.

Pessoas qualificadas são caras, e começando um negócio do zero dificilmente terá os recursos abundantes para manter mão de obra especializada.

O dono do negócio deve ter o conhecimento técnico necessário que permitirá treinar sua equipe e corrigir erros rapidamente.

Além disso, o empreendedor deve estar ciente de que não tem horários: seu "patrão" é o cliente, o que exige um alinhamento total com a família sobre a renúncia à previsibilidade.



O Desafio do empreendedor Industrial: Da visão ao Capital de Giro

Diferente de outros setores, a indústria enfrenta um ciclo financeiro longo, entre a compra e a venda ou entre o pagamento e o recebimento. É preciso primeiro produzir, estocar, vender, entregar e receber.

O capital de giro é o maior desafio, exigindo reservas para cobrir de 4 a 9 meses de operação, isto é, necessita de caixa disponível para arcar com os custos de aquisição de matéria prima e com os custos operacionais para salários, energia elétrica, aluguel (se for o caso), manutenção e despesas administrativas. Entre comprar a matéria-prima, produzir, estocar e receber pela venda (frequentemente a prazo), o fôlego financeiro pode ultrapassar 120 dias, sendo vital prever custos e possíveis inadimplências.

Resumindo: o êxito para o empreendedor industrial depende da soma de um **perfil resiliente**, um **planejamento estratégico e técnico rigoroso**, uma **sociedade equilibrada**, uma **dedicação quase integral ao negócio** e um **caixa robusto** para suportar o ciclo de produção. Tudo isso constituirá a **“Coluna Dorsal” do negócio empreendido!**

A vida é movimento



Maria Nazareth Doria
Comendadora, jornalista
e escritora

Deus é perfeito em tudo o que faz. Somos criaturas de Deus, somos todos irmãos, somos seus filhos amados.

Nascemos para transformar o mundo em um planeta melhor, e essa ideia vem sendo transmitida de geração em geração. Com isso, o planeta evolui, e estamos aqui fazendo a nossa parte.

Escrevo para você que é jovem e também para os mais experientes, aqueles que já registraram mais de meio século de vida.

Estes já viram muitas coisas fantásticas, superaram inúmeras dificuldades, escreveram em máquina manual, molharam a pena no tinteiro, usaram quadro de pedra como lousa, lampião a gás, Maria-Fumaça e charrete puxada por cavalos, vestiram saias plissadas de tergal, usaram congá para ir à escola, perderam noites de sono esperando cartas de entes queridos ou namorados. Quando recebíamos um telegrama, o coração saltitava de alegria ou de medo.

Quantas coisas melhoraram. Quem de nós, há sessenta anos, poderia imaginar estar fazendo o que faço agora? Digitando em um teclado minhas ideias, meus conhecimentos e minhas

lembranças, acreditando em mudanças, mudanças e mais mudanças. Viva a internet. Vamos celebrar a vida com alegria e bom humor. Senhoras e senhores, movimentem suas vidas, cuidando, sim, da saúde física, mental, emocional e espiritual. Vamos formar grupos, fazer caminhadas, ir à academia duas vezes por semana, cuidar da nossa beleza física, usar roupas bonitas, aquelas que você escolhe, e não os outros. Não fique inibido com o que os outros vão falar. Vamos dançar, namorar. Viver a vida depois dos sessenta, com sabedoria, é colher o que plantamos, porque sofremos, lutamos e enfrentamos intolerâncias e preconceitos. Viajem, gastem com vocês o seu dinheiro. Há vida lá fora. Abram as portas do coração e saiam. Vão brilhar. Vocês estão prontos para receber o que a vida lhes deve: ser feliz, aproveitar todos os benefícios aos quais temos direito por lei. Informem-se. Vamos criar coragem e mudar também nossa rotina? Passar para frente, para outras pessoas, roupas e calçados que estão há anos com você e comprar roupas novas. Tire essa barba, senhor. Mude o corte do seu cabelo, amiga. Levante desse sofá, vá fazer exercícios. Vá à academia, faça novos amigos. Pare de ficar olhando para trás, lembrando-se de quem já partiu. Olhe para frente e viva a sua vida com alegria.

Nesta coluna, é proibido se achar ou chamar o outro de velho. Nós não temos idade. Nós temos vidas. E me aguardem, porque daqui para frente vem muito mais.

Quando o amor machuca

O silêncio dos relacionamentos abusivos



Ive Camanducci

Psicóloga.
Terapia Cognitivo--
Comportamental e
Sistêmica

Há violências que não deixam marcas visíveis no corpo, mas atravessam a alma com igual ou ainda maior intensidade. São experiências que se instalam lentamente, disfarçadas de cuidado, zelo ou amor. Quando finalmente reconhecidas, muitas vezes já ocuparam espaço demais, comprometendo a identidade, a autonomia e a capacidade de escolha de quem as vive. Relacionamentos abusivos não começam com gritos ou agressões físicas. Eles começam, quase sempre, com pequenas concessões. Um comentário que diminui, uma opinião que não é considerada, um limite que vai sendo deslocado. Aos poucos, o que era diálogo vira controle. O que era afeto vira medo. E o que deveria ser parceria se transforma em uma relação de poder.

Do ponto de vista psicológico, o abuso não se restringe à violência física. Ele pode assumir formas emocionais, morais, patrimoniais, sexuais ou financeiras. Justamente por não deixar marcas visíveis, o abuso emocional é um dos mais difíceis de reconhecer e um dos mais devastadores. Ele desgasta a autoestima, produz confusão interna, instala a culpa e constrói, de maneira silenciosa, uma

dependência que imobiliza e paralisa a vítima. A *dinâmica é conhecida: quanto mais insegura a vítima se sente, mais passa a acreditar que precisa do outro para existir, decidir, sobreviver.* A autonomia vai sendo retirada aos poucos, até que a pessoa já não confia mais em si mesma. Nesse ponto, o relacionamento deixa de ser um espaço de crescimento e se torna um lugar de apagamento.

É importante dizer: nem todo relacionamento difícil é abusivo. Relações mal organizadas, com desequilíbrio de responsabilidades, falta de limites ou baixa autoestima, exigem autoconhecimento, amadurecimento emocional e, muitas vezes, terapia. Já o relacionamento abusivo costuma exigir intervenção externa. Ele não se resolve apenas com esforço individual, porque envolve uma assimetria de poder que aprisiona.

Ao longo da prática clínica e da experiência institucional com mulheres em situação de violência, torna-se evidente que o abuso raramente surge de forma abrupta. Ele se constrói gradualmente. Primeiro aparecem os sinais sutis, como o controle disfarçado de cuidado, o desrespeito travestido de brincadeira e as humilhações públicas suavizadas como piadas. Em seguida, instala-se a necessidade constante de pedir permissão, o medo de desagradar e a sensação permanente de culpa. Por fim, surge a infantilização, quando um adulto passa a ser tratado como incapaz de decidir sobre a própria vida.



Reconhecer um relacionamento abusivo exige coragem. Romper com ele exige ainda mais. Muitas mulheres só conseguem sair quando encontram apoio emocional, psicológico e jurídico.

Esses comportamentos não surgem isolados. Eles fazem parte de um ciclo bem definido, conhecido na psicologia como o ciclo da violência. Inicialmente, há uma fase de tensão, marcada por críticas, ameaças veladas e irritabilidade constante. Em seguida, a violência se manifesta de forma verbal, emocional, psicológica ou física. Por fim, surge a fase conhecida como “lua de mel”, caracterizada por pedidos de perdão, promessas de mudança e gestos de afeto que renovam a esperança. Esse ciclo tende a se repetir com intensidade crescente quando não é interrompido.

Um dos aspectos mais perversos dessa dinâmica é a vergonha associada à sensação de desamparo. Muitas vítimas passam a se culpar pela situação que vivem, o que dificulta a busca por ajuda e reforça o isolamento. Outras acreditam estar exagerando ou minimizando o próprio sofrimento, especialmente quando não há agressão física visível. No entanto, a violência psicológica também adoece. Ela pode desencadear ansiedade, depressão, sintomas físicos persistentes e, em muitos casos, levar à perda gradual da própria identidade.

Quando falamos de violência contra a mulher, esse cenário se agrava por fatores históricos, culturais e sociais. O machismo estrutural, a desigualdade de poder e a naturalização de certos papéis ainda colocam mulheres em situações de maior vulnerabilidade. Não por fragilidade, mas por contextos que silenciam, culpabilizam e isolam.

Esse apoio não é sinal de fraqueza, mas de lucidez. Há situações em que a proteção externa se torna fundamental, inclusive para preservar a própria vida.

Falar sobre relacionamentos abusivos não é incentivar rupturas impulsivas, mas promover consciência e responsabilidade afetiva. O amor não deveria exigir obediência cega, medo ou anulação pessoal. Relações saudáveis preservam a dignidade, respeitam limites e reconhecem o outro como um sujeito inteiro, com voz, desejos e escolhas. Na perspectiva de um relacionamento maduro, a vida a dois se constrói como parceria, em que ambos caminham juntos, conscientes de uma missão comum, sem que um precise se diminuir para que o outro exista.

Há um princípio espiritual que se soma a um valor profundamente humano ao reconhecermos que nenhuma forma de amor verdadeiro se constrói pela opressão. Onde há violência, não há vínculo saudável. Onde há medo, não há liberdade. E sem liberdade, não há amor.

Se alguém ao seu redor demonstra preocupação com a relação que você vive, escute! Muitas vezes, quem está dentro não consegue ver o que já se tornou evidente para quem observa de fora. Buscar ajuda é um ato de responsabilidade consigo mesmo. Relacionamentos podem ser espaços de cura, crescimento e parceria. Mas quando se tornam lugares de dor contínua, silêncio e perda de si, algo precisa ser revisto. Nenhuma história de amor deveria custar a própria identidade.

Inveja e ciúmes: Agentes invisíveis do sofrimento humano !



Dra Magda Pearson

PHD em Psicologia Clínica. Presidente do Instituto de Estresse Pós-traumático. Foi Diretora científica da Sociedade Brasileira de Hipnose.

Ao nomear e interpretar essas emoções, abre-se a possibilidade de que sejam reconhecidas como parte da vida psíquica, e não como falhas morais.

A interpretação, contudo, deve respeitar o tempo interno do sujeito; o enfrentamento da inveja e do ciúme é também o enfrentamento da própria vulnerabilidade. Quando simbolizadas, essas emoções perdem parte de seu poder destrutivo. O sujeito pode, então, apropriar-se de sua história, reconstruindo internamente a experiência de perda e transformando a energia antes investida na rivalidade em capacidade de amar e criar.

Nesse sentido, o manejo terapêutico da inveja e do ciúme é, acima de tudo, um trabalho de reconciliação com as próprias sombras e com o amor a si próprio.

Inveja e ciúmes: a sombra do sofrimento humano na clínica psicológica

A inveja e o ciúme são emoções universais que, embora muitas vezes negadas ou minimizadas, compõem uma parte inevitável da experiência humana. Elas surgem da comparação, da percepção de perda ou de ameaça, e carregam um intenso potencial de dor psíquica. Na vida cotidiana, podem corroer vínculos afetivos, distorcer percepções e alimentar comportamentos defensivos ou agressivos. No plano interno, manifestam-se como sentimentos de insuficiência, de não ser o bastante ou de estar constantemente em desvantagem diante do outro.

Essas emoções surgem, muitas vezes, como defesas frente à angústia da separação ou à dor de sentir-se excluído. Na clínica, aparecem de forma disfarçada: nas queixas de injustiça, nos ressentimentos persistentes, na hostilidade velada ou em sintomas que encobrem feridas narcísicas.

O paciente, ao falar do outro, frequentemente fala de si, de sua carência, de sua dificuldade em lidar com a diferença, de seu temor de ser abandonado ou substituído. Na psicanálise, a inveja e o ciúme não são apenas sentimentos passageiros, mas expressões profundas de movimentos inconscientes, enraizados na estrutura psíquica desde os primeiros vínculos com objeto primário.

O trabalho clínico envolve identificar como essas emoções se constituíram, muitas vezes ainda na infância, em contextos de comparação entre irmãos, na busca pela aprovação dos pais ou em relações nas quais o afeto era percebido como escasso.

SAÚDE E BEM-ESTAR

Também é essencial auxiliar o paciente a transformar a energia destrutiva da inveja e do ciúme em motivação construtiva, cultivando a autocompaixão, fortalecendo a autoestima e desenvolvendo recursos psíquicos para lidar com frustrações e diferenças.

Na terapia, a inveja e o ciúme deixam de ser compreendidos como “pecados” ou “fraquezas” e passam a ser reconhecidos como sinais de necessidades emocionais não atendidas e de feridas antigas. Assim, o que antes permanecia na sombra pode tornar-se fonte de autoconhecimento, contribuindo para a construção de relações mais saudáveis e autênticas. Na escuta terapêutica, inveja e ciúme raramente aparecem como confissões diretas; manifestam-se, em geral, por meio de críticas ácidas, queixas repetitivas, ataques silenciosos ou um mal-estar difuso diante do sucesso ou da felicidade alheia.

A inveja, tal como formulada por Melanie Klein, pode ser compreendida como um ataque ao objeto bom, isto é, a dificuldade de tolerar que o outro possua algo desejado e percebido como inacessível.

O ciúme, por sua vez, envolve um triângulo imaginário, no qual a presença de um terceiro, real ou fantasiado, é vivida como ameaça ao vínculo com o objeto amado.

A inveja e o ciúme não se anunciam; entram de forma silenciosa, disfarçados de indignação, ironia, piadas maldosas ou desinteresse calculado. Ainda assim, seu peso é sentido, como uma sombra fria que se aproxima e insiste. É nesse ponto que as sombras pedem voz.

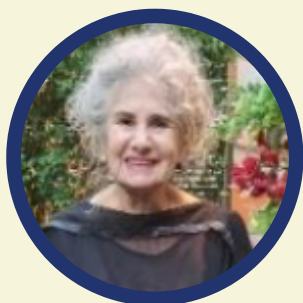
A clínica oferece a possibilidade de transformar a rivalidade inconsciente em reconhecimento da própria falta e na aceitação de que o outro pode possuir algo que não possuímos. Trabalhar com inveja e ciúme é, portanto, lidar com o núcleo mais sensível do narcisismo humano. Trata-se de sustentar o olhar sobre a sombra até que o paciente possa reconhecê-la como parte de si e, a partir desse reconhecimento, encontrar novas formas de desejar e de se relacionar.





Para ouvir durante a leitura.
Clique aqui ou leia o QR Code.

Qual a rede que queremos e merecemos?



Suely Tonarque

*Psicóloga, gerontóloga
e especialista em moda
no envelhecer*

Rede, você sabe o que é? Falo daquela rede em que durmo no meio da floresta; daquela da varanda nos dias de calor; daquela que trago de algumas cidades do Nordeste com a ilusão de que vou descansar ou, quem sabe, embalar o neto para dormir. Falo de fios entrelaçados, de espessuras e materiais diversos, formando um tecido de malhas com espaçamentos regulares e resistentes, como algodão, linho, fibras, entre outros. A rede que acolhe o sono e embala sonhos possíveis e impossíveis.

As redes sociais também são tecidas pela tecnologia, de várias formas e maneiras. WhatsApp de grupos de estudos, da família, dos amigos do cinema, do bar, do trabalho, entre tantos outros. LinkedIn, podcasts, startups, Facebook, cursos on-line, além da inteligência artificial, que se soma a esse emaranhado. Instagram, TikTok, YouTube. Conheço pouco, mas sei da existência das mais populares e interajo em algumas: WhatsApp, YouTube, Instagram, TikTok e Facebook. Pausa para ouvir a música “Pescaria”, de Dorival Caymmi (1914–2008). Que rede estamos tecendo ao longo da trajetória do envelhecimento?

Ô canoeiro
Bota rede
Bota rede no mar
Ô canoeiro
Bota rede no mar



Quem são os amigos, vizinhos, parentes a quem peço ajuda nos acontecimentos inesperados da vida? Edgar Morin, no livro Os sete saberes necessários à educação do futuro, escreve sobre “a necessidade de desenvolver a capacidade de viver e agir num mundo marcado pela incerteza, não a partir de um conhecimento fixo, mas de uma visão que abrace a complexidade e a instabilidade”.

Quais redes teci e como construí essa grande colcha de apoio? A quem recorro quando fico trancada em casa porque a chave quebrou? O que faço quando escorrego no tapete e não consigo me levantar sozinha?

Cabe a pergunta: **minha rede de amigos está construída? Ou será que não a considero necessária?** A rede de amigos é aquela que embala, acolhe e abraça.

A rede que pesca os peixes não é diferente das redes de apoio, tampouco da rede de amigos com a qual contamos ao longo da vida, nos imprevistos que surgem simplesmente por estarmos vivos e envelhecendo, o que, afinal, é o nosso bem maior.



Oficina do Livro Editora celebra Jubileu de Prata em noite de gala em Paris



Paris foi o cenário escolhido para celebrar 25 anos de uma história dedicada à literatura, à inclusão de vozes e à arte de escrever. Em uma comemoração marcada por sofisticação e reconhecimento internacional, a Oficina do Livro Editora brindou seu Jubileu de Prata em grande estilo, em um evento memorável realizado na capital francesa.

Fundada em 2001, a Oficina do Livro nasceu com um propósito claro e visionário: **dar voz a novos escritores**. Ao longo de sua trajetória, a editora consolidou um modelo inovador ao reunir pessoas em torno da escrita, promovendo a publicação de livros coletivos — antologias e coletâneas — nas quais cada participante contribui com um capítulo, texto, poema ou crônica. Uma proposta que permitiu a convivência criativa entre autores iniciantes e escritores experientes, todos publicados sob um mesmo tema ou título.

O sucesso dessa iniciativa transformou a Oficina do Livro em **referência nacional e internacional** na edição de antologias, com mais de 60 publicações nacionais e 8 internacionais. Obras que revelam múltiplos olhares, experiências e estilos, tornando cada livro um mosaico literário rico e singular. Muitos dos autores que começaram nessas coletâneas descobriram ali o prazer da escrita, ganharam confiança e seguiram carreira, publicando posteriormente seus livros solo.

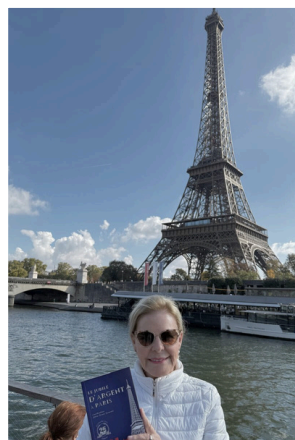
O ponto alto da celebração em Paris foi a **condecoração da fundadora da Oficina do Livro, Silvia Bruno Securato, homenageada com o título de Vice-Presidente Honorária da Divine Académie Française des Arts, Lettres et Culture** — um reconhecimento que simboliza não apenas sua trajetória pessoal, mas também a relevância cultural do trabalho desenvolvido pela editora ao longo de 25 anos. A honraria reafirma o compromisso da Oficina do Livro com a literatura como instrumento de expressão, encontro e transformação.

Mais do que publicar livros, a editora construiu, ao longo de sua história, **pontes entre autores e leitores**, promovendo eventos presenciais, encontros literários, debates e intensa interação nas mídias sociais. Um trabalho contínuo de incentivo à escrita, à troca de ideias e à valorização da palavra.

Celebrar o Jubileu de Prata em Paris é, acima de tudo, **celebrar a arte de escrever sem fronteiras**. A Oficina do Livro segue fiel à sua essência: acreditar que a literatura está ao alcance de todos — e que o primeiro passo começa quando alguém decide tirar seu texto da gaveta e dar voz à própria história.



A chegada a Paris



O lançamento no Carroussel du Louvre





Vernissage das Obras de Arte de Isabella e Ana Carolina Securato



Tarde de autógrafos do livro LE JUBILÉ D'ARGENT À PARIS



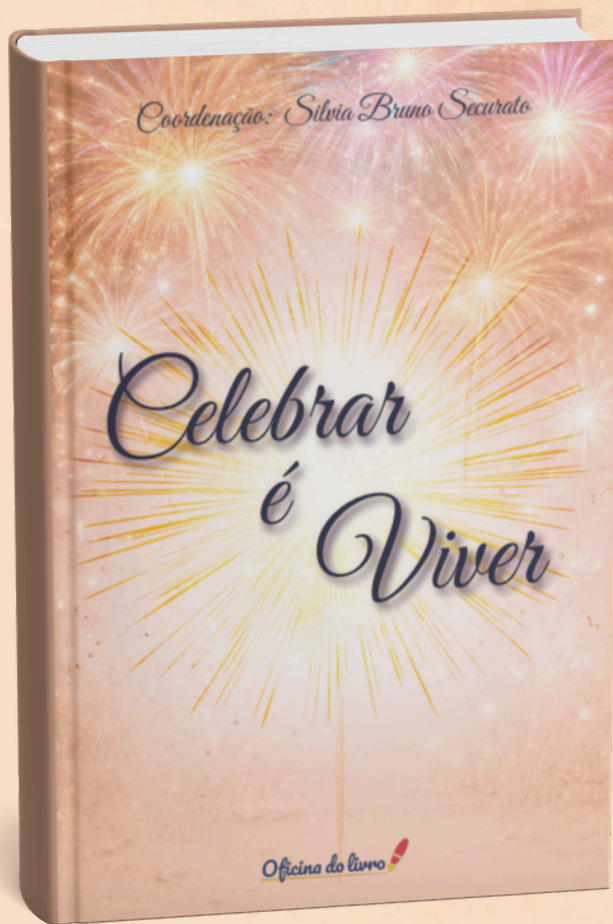


Jantar de Gala no Palácio George V





Lançamento



Sinopse: Celebrar é reconhecer a beleza que pulsa nos pequenos instantes — o sorriso que chega sem aviso, a conquista que parecia distante, o simples fato de respirar e seguir. É transformar o cotidiano em significado, honrar as vitórias e os caminhos que nos trouxeram até elas. Porque quando celebramos, a vida se expande. E viver, então, ganha novos tons.





Agenda Cultural

MARÇO

06/03/2026

**Elas Publicam
Encontro de Mulheres
do Mercado Editorial**

10/03 a
12/03/2026

**Feira do Livro de
Londres**

18/03 a
22/03/2026

**Feira do Livro
de Genebra**

19/03 a
22/03/2026

**Feira do Livro de Leipzig
e Mangá Comic Con**

ABRIL

**Feira do Livro Infantil
de Bolonha**

13/04 a
16/04/2026

**Salão Internacional do
livro de Québec**

08/04 a
12/04/2026

**Festival do
Livro de Paris**

17/04 a
19/04/2026

Bienal do Livro da Bahia

15/04 a
21/04/2026

ABRIL

23/04 a
11/05/2026

**Feira Internacional do
Livro de Buenos Aires**

20/04 a
05/05/2026

**Feira Internacional do
Livro de Bogotá (FILBo)**

25/04 a
03/05/2026

**Flipoços - Festival
Literário Internacional de
Poços de Caldas**

27/04 a
28/04/2026

**Salão Internacional de
Negócios da FILBo**

MAIO

Feira do Livro da Unesp

13/05 a
17/05/2026

**A feira do Livro
Pacaembu - São Paulo**

30/05 a
07/06/2026

**Feira do Livro de
Lisboa (FLL)**

27/05 a
14/06/2026

**Salão Internacional do
Livro de Turim**

14/05 a
18/05/2026

Rio2C

26/05 a
31/05/2026

JUNHO

11/06 a
14/06/2026

**Feira do Livro de
Resende (FLIR)**

17/06 a
21/06/2026

**Feira Internacional
do Livro de Beijing**

24/06 a
28/06/2026

**Feira Internacional
do Livro de Seul**

JULHO

**Feira de Ficção
Cristã e Cultura
(FEFICC) (SP)**

16/07 a
19/07/2026

**Comic Con San
Diego**

23/07 a
26/07/2026

**24ª Flip - Festa
Literária Internacional
de Paraty**

22/07 a
26/07/2026

AGOSTO

**Flipelô - Festa Literária
Internacional do
Pelourinho (BA)**

05/08 a
09/08/2026

SETEMBRO

04/09 a
13/09/2026

**28ª Bienal
Internacional do
Livro de São Paulo**

NOVEMBRO

**26ª Festa do Livro
da USP**

06/11a
10/11/2026

OUTUBRO

07/10 a
11/10/2026

**Feira do Livro
de Frankfurt**

**Feira Internacional
do Livro de Sharjah**

04/11 a
14/11/2026

**Feira Internacional
do Livro de
Guadalajara**

28/11 a
06/12/2026

08/10 a
10/10/2026

**Festa Literária
de Pirenópolis**

08/10 a
18/10/2026

**Fólio - Festival
Literário
Internacional de
Óbidos (Portugal)**



PRÊMIOS LITERÁRIOS 2026

Panorama
Cultural

NACIONAIS

> **Prêmio Jabuti:** O mais tradicional e abrangente prêmio da literatura brasileira, celebrando diversas categorias do ecossistema do livro.

> **Prêmio Sesc de Literatura:** Focado em descobrir novos talentos, premia escritores iniciantes com a publicação de obras inéditas de contos e romances.

> **Prêmio São Paulo de Literatura:** Oferece grandes incentivos financeiros para os melhores romances de autores estreantes e veteranos publicados no ano.

> **Prêmio Biblioteca Nacional:** Reconhece a excelência técnica e literária em diversas categorias, honrando a produção intelectual e artística nacional.

> **Prêmio Cepe Nacional de Literatura:** Iniciativa da Companhia Editora de Pernambuco que seleciona e publica obras inéditas de autores de qualquer região do Brasil.

> **Prêmio Off Flip de Literatura:** Realizado paralelamente à Flip em Paraty, destaca textos inéditos de poesia, conto e crônica de autores de todo o país.

INTERNACIONAIS

> **Prêmio Oceanos:** Importante premiação internacional que conecta e celebra as melhores obras publicadas em língua portuguesa ao redor do mundo.

> **Prêmio Internacional Pena de Ouro:** Uma premiação global focada em contos e poemas de língua portuguesa, com júri técnico e votação independente.

> **Prêmio Literário UCCLA:** Promovido pela União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa para descobrir novos talentos literários em todos os países lusófonos.

> **Prêmio Digital Publishing Award:** Premiação alemã que reconhece a inovação e a excelência em estratégias, produtos e tecnologias no setor de publicação digital.

> **Prêmio Literário Glória de Sant'Anna:** Um prêmio internacional de poesia destinado ao melhor livro de autor lusófono, em memória da poeta Glória de Sant'Anna.

> **Prêmio LeYa:** É o maior prêmio mundial para romances inéditos escritos em português, oferecendo 50 mil euros e a publicação da obra.

Panorama Cultural



/oficinadolivro